



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

**DESUMANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**ROSIANE MARIA GUSBERTI FRANKE**

Foz do Iguaçu  
2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

**DESUMANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**ROSIANE MARIA GUSBERTI FRANKE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Orientadora: Prof. Doutora Lorena Rodrigues de Freitas

Foz do Iguaçu  
2023

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação Catálogo de Publicação  
na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA – PTI

F829

Franke, Rosiane Maria Gusberti.

Desumanização e resistência na obra Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo /  
Rosiane Maria Gusberti Franke. - Foz do Iguaçu-PR, 2024.

96 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana.  
Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em  
Literatura Comparada. Foz do Iguaçu-PR, 2024.

Orientador: Lorena Rodrigues de Freitas

1. Racismo. 2. Feminismo negro. 3. Resistência (Psicanálise). 4. Evaristo, Conceição. I.  
Freitas, Lorena Rodrigues de. II. Título.

CDU 82.091

ROSIANE MARIA GUSBERTI FRANKE

**DESUMANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof. Doutora Lorena Rodrigues Tavares de Freitas  
UNILA

---

Prof. Doutora Lívia Santos de Souza  
UNILA

---

Prof. Doutora Camila Daniel  
UFRJ

Foz do Iguaçu, 01 de dezembro de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter permitido que mais essa etapa de minha vida acadêmica se concretizasse. A minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Lorena Rodrigues Tavares de Freitas por sempre acreditar no meu potencial, pelos inúmeros conhecimentos e explicações, por me incentivar quando eu quase acreditei que não conseguiria. Agradeço a professora Dr<sup>a</sup> Lívia Santos de Souza, por ter me encantado em suas aulas quando ainda era aluna especial, por fazer com que eu quisesse o mestrado com todas as minhas forças. A abordagem decolonial que me foi apresentada e a tomada de consciência que eu feminista branca tive sobre a urgência do feminismo negro. E por fim, agradeço a minha amiga Jussane Rischik por me emprestar sua sala de atendimento quando eu não tinha um lugar para estudar para o mestrado, seu gesto fez toda a diferença e estará sempre guardado em meu coração. Gratidão aos encontros predestinados no tempo e no espaço.

*Invento? Sim invento, sem o menor pudor.  
Então as histórias não são inventadas?  
Mesmo as reais, quando são contadas.  
Desafio alguém a relatar fielmente algo que  
aconteceu. Entre o acontecimento e a  
narração do fato, alguma coisa se perde e por  
isso se acrescenta. O real vivido fica  
comprometido. E, quando se escreve, o  
comprometimento (ou o não  
comprometimento) entre o vivido e o escrito  
aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo  
que, ao registrar estas histórias, continuo no  
premeditado ato de traçar uma escrevivência  
(Conceição Evaristo)*

## RESUMO

A presente dissertação pretende analisar a representação literária relacionada à luta contra a desigualdade racial, social e de gênero vivida pelas mulheres negras na obra *Ponciá Vicêncio* (2017), da brasileira Conceição Evaristo. Neste romance, Evaristo traça a trajetória da personagem principal, Ponciá Vicêncio, apresentando os seus percursos, desde a infância até a idade adulta, que conjugam violências advindas da sua condição social de mulher pobre e negra, descendente de escravizados, e seus processos de construção identitárias, estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente. Pretendo analisar como Evaristo é capaz de relacionar, a partir do seu conceito de *escrevivência*, suas próprias narrativas e experiências pessoais com o cenário social brasileiro, retratando os traumas emocionais e profundas ausências que o racismo, o machismo e a pobreza vivenciadas pelas mulheres negras produzem, sem deixar também de humanizar e enaltecer a resistência e “*subjetividade ativa*” das suas personagens.

**Palavras-chave:** Racismo. Feminismo negro. Resistência. Conceição Evaristo. *Escrevivência*.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the literary representation related to the fight against racial, social and gender inequality experienced by black women in the work *Ponciá Vicêncio* (2017), by the Brazilian Conceição Evaristo. In this novel, Evaristo traced the trajectory of the main character, Ponciá Vicêncio, presenting her paths, from childhood to adulthood, which combine violence arising from her social condition as a poor black woman, descendant of slaves, and her construction processes. identity, establishing a dialogue between the past and the present. I intend to analyze how Evaristo is able to relate, based on his writing concept, his own narratives and personal experiences with the Brazilian social scenario, re-treating the emotional traumas and profound absences that racism, machismo and poverty experienced by women produced, without also humanizing and praising the resistance and “active subjectivity” of its characters

**Key words:** Racism. Black feminism. Resistance. Conceição evaristo. Escrivência.

**SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 ESCRIVIVÊNCIA.....</b>	<b>18</b>
<b>3 DESUMANIZAÇÃO</b>	<b>E</b>
<b>RESISTÊNCIA.....</b>	<b>33</b>
<b>4ANCESTRALIDADE</b>	<b>E</b>
<b>TRABALHO.....</b>	<b>47</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura escrita por mulheres sempre chamou minha atenção, desde muito jovem conseguia perceber pequenas diferenças nas narrativas feitas por elas, sempre foi de meu interesse saber mais sobre essas mulheres que escreviam. Para a criança que eu era, o ato de escrever era mágico, significava ter poder, o poder de colocar as suas palavras dentro do outro, independentemente de onde o outro estivesse.

A partir dessa descoberta, passei a desejar ser uma destas mulheres. Hoje, adulta, percebo que esse desejo surgiu pelo fato de a maioria das mulheres que me cercavam não serem ouvidas, e isso simplesmente, por serem mulheres. Talvez a escrita tenha sido a forma que o meu eu criança encontrou de não ser como aquelas mulheres que não eram ouvidas, esse era meu maior medo, ser como minha mãe, avó e tias.

Na minha inocência, acreditava que, se as palavras entrassem através dos olhos, da leitura, ninguém poderia tirar o seu valor. Os rabiscos em cadernos, paredes e móveis começaram, sempre me imaginando uma mulher que lutava com as palavras contra todos os problemas que surgiam. Estes problemas eram, na maioria das vezes, situações cotidianas, que eu via na minha vizinhança, ouvia as amigas e as vizinhas de minha mãe, problemas, geralmente, relacionados à violência física, psicologia e patrimonial, causada sempre pelos cônjuges ou patrões, além da dificuldade de subsistência que assolava aquelas mulheres.

Depois que fiz o cadastro na pequena biblioteca pública da cidade, passei a procurar livros escritos por mulheres. Li quase todos os livros de autoria feminina que havia, dentre eles contos de fadas, crônicas, romances, poesias. Gostava de olhar na orelha do livro a foto da escritora, sempre em poses elegantes, por vezes com o olhar distraído.

Elas tinham algo que chamava minha atenção, eram todas parecidas, tanto as nacionais quanto as que escreviam literatura estrangeira. Todas eram brancas. Essa coincidência começou a me incomodar.

Hoje, me pego pensando em como uma menina de 13 anos, branca, que vivia no sul do país em uma região de total colonização italiana, pode ter sentido esse estranhamento. Nem mesmo na escola lembro que tenha sido trabalhado algum dia questões de gênero ou de raça. Contudo, algumas afirmações que sempre foram

feitas pela minha família, inclusive, pelas mulheres (aquelas mesmas mulheres que eram oprimidas pelo seu gênero), afirmações extremamente racistas e preconceituosas que relacionavam a cor da pele com a capacidade ou inteligência ou esforço para o trabalho, fizeram com que eu desejasse não repetir aquele discurso.

Foi e ainda é muito difícil lutar contra e, acima de tudo, não repetir a fala de pessoas que eu amo como, por exemplo, minha avó que utilizava a expressão *Negri* pejorativamente ao se referir a uma pessoa negra, fazendo eu e meus primos sair da rua porque uma pessoa negra estava passando, nos fazendo relacioná-las com violência, bandidagem ou coisas piores. Perceber que esse discurso preconceituoso não estava somente na minha avó, mas, também na mãe dela, e na avó dela, e em tantas outras famílias desde a colonização me fez querer encontrar uma maneira de fugir dessa herança secular.

Eu passei a tentar argumentar, mas eu não tinha muitos argumentos, e sentia sobre mim um olhar de reprovação, era como se eu estivesse desrespeitando ou quebrando uma tradição que estava na minha família há tempos. Eu também não estava sendo ouvida.

Passei a procurar no pequeno acervo da biblioteca não mais por títulos e sim pela foto da autora, mas nunca encontrei nenhuma mulher negra. Cheguei à conclusão de que minha cidade de, na época, dezoito mil habitantes, era pequena demais. Questionando a bibliotecária, que digitava rapidamente no teclado amarelado e me olhava de cima do balcão, eu pequena para os treze anos que tinha na época, dizia ela com a voz rouca de quem fumou uma vida toda apertando os olhos na tela do monitor: “Você precisa me dizer o nome da autora, não posso encontrar a obra se você não sabe o nome”. O que ela não entendia era que eu não sabia o nome, queria que ela me dissesse o nome de alguma escritora que não fosse branca, mas ela não sabia também. Ela apenas dizia que a biblioteca não recebia exemplares novos há muitos anos.

Toda essa narrativa é essencial para que eu chegue ao ponto que preciso chegar. Durante toda a minha vida escolar, nunca fui apresentada à literatura afro-brasileira. Os anos passavam e algumas perguntas vinham a minha mente, algumas ficavam muito tempo ali batendo, mas eu não falava, porque as minhas perguntas pareciam complexas demais e eram ignoradas.

Então eu percebi que não poderia ser uma daquelas mulheres que escrevia, porque se eu fosse, me repreenderiam pelas coisas que eu escreveria, afinal

eu deveria ser uma boa menina que não questionava. Eu era branca, tinha acesso à educação e tinha comida no prato, o que mais poderia querer?

Fui crescendo grata e sem reclamar e, mesmo quando a reclamação não tinha a ver comigo, não era permitido que eu reclamasse. Esse silenciamento não foi feito somente a mim, antes disso foi feito as minhas bisavós que eram estrangeiras imigrantes e que precisaram deixar sua cultura, sua língua materna de lado, depois meus avós que não tinham quase nada, mas que foram silenciados pela ditadura, pela repressão, e que ensinaram meus pais a baixarem a cabeça e a seguir. Essa ideia patriarcal foi vendida facilmente e fez com que gerações se calassem. E eu fazia parte, a quarta geração de mulheres da minha família que se calava, que aceitava as doutrinações, os discursos, e mesmo quando não concordava, permanecia calada.

Os anos passaram, algo mudou. Olhar para as situações e permanecer quieta estava me custando muito caro, as palavras na minha cabeça precisavam sair. Tudo mudou quando eu encontrei um livro cuja capa tinha uma mulher negra. Depois de lê-lo passei dias pensando no que fazer com aquilo, eu queria mais, queria ouvir aquilo que as mulheres negras diziam.

Eu não sou uma mulher negra, mas, ler aquelas histórias de resistência despertaram em mim a luta que eu não enxerguei nas mulheres brancas, e que me fizeram querer entender o porquê.

Cheguei ao mestrado e depois de todas as disciplinas eu ainda não sabia de que forma trabalhar. Eu não tinha me dado conta de que não era eu que faria, mas quem já havia feito. Aquela mulher negra da capa do livro, já tinha feito. Ela falou. Desilenciou toda a luta que estava presa dentro de mim, e eu entendi que não precisava ter a mesma cor de pele que ela pra lutar com ela, eu posso escrever, e a minha escrita pode entrar pelos olhos das pessoas, para que elas também entendam o que eu entendi depois de ler mulheres tão fortes.

Descobrir que o silêncio imposto aos marginalizados, esquecidos em lugares onde a violência e a degradação ocorrem, só pode ser ouvido através de ações que vasculhem o que foi ocultado, isso confirmou que a escrita expressa as vozes excluídas.

Conceição Evaristo ao narrar as histórias dos lugares e das pessoas, expõe os cortes do seu próprio corpo e também do outro. E isso se torna uma forma de entender que a luta não acontecia somente aqui, mas no mundo todo, e que mulheres negras já estavam lutando por seus direitos na época de meus avós.

Depois de ler obras de mulheres negras e não-brancas como Conceição Evaristo, Angela Davis, Lélia Gonzalez e Maria Lugones, ainda não estava claro de que forma todo esse conhecimento novo poderia me impulsionar para algo. A inércia que me mantinha calada e conformada teimava em permanecer ali. Comprei mais algumas obras de Evaristo e comecei a ler, na esperança de que algo acontecesse.

Uma dessas obras era “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, li a primeira história somente, e passei dois dias digerindo a narrativa. Senti necessidade de parar a leitura. Ler sobre Aramildes Florença me deixou triste por dois dias.

Nesse tempo, refleti, tentei entender por que aquela narrativa havia me abatido tanto. Foi nesse período que entendi o que havia acontecido e vem acontecendo desde os tempos da colonização. Talvez por ser branca e viver em uma parte do país composta quase que unicamente por descendentes de imigrantes europeus essa realidade tão triste nunca me foi tão chocante.

A dor que as mulheres negras sentem ao serem atingidas por inúmeros tipos de violências provocadas pelo racismo, machismo e pela sua condição de classe fez com que me impulsionasse, o impulso mesmo sendo triste havia me direcionado e Conceição Evaristo foi quem me impulsionou. As situações passadas pelas mulheres de suas obras fizeram com que meu estômago revirasse, talvez pelo fato de que não eram apenas ficções. Já havia lido histórias semelhantes, mas acredito que tenha chegado em um ponto de conhecimento da pesquisa em que a teoria e a literatura afro-brasileira tenham finalmente sido absorvidas em mim.

A narrativa de Aramildes Florença conta a dor que ela sentiu ao ver a transformação do marido amoroso em homem bruto, ciumento, quando ela engravidou. É ela quem conta: “um dia estava amamentando o filho, quando ele chega, arranca o menino de seus braços jogando-o no berço, em seguida rasga suas roupas e a violenta” (EVARISTO 2011). Para ele, ela não é mais a mesma *mulher*, pois não o *serve* mais como antes. Aos olhos do esposo ela é um objeto, não um ser humano. Chegar a isso, a esse ponto, me lembrou como os colonizadores desumanizaram as mulheres negras e indígenas, que nem eram consideradas mulheres, eram consideradas como animais selvagens.

Ao ler a história de Aramildes Florença, vi como a violência racial e de gênero coloca continuamente e historicamente as mulheres negras nesse lugar de objeto dos brancos e, muitas vezes, dos homens negros. Percebi que raça e gênero

se misturam para construir um lugar de maior opressão para as mulheres negras do que para as mulheres brancas

Descobri também que o feminismo branco, apesar de desempenhar um papel fundamental nas lutas e conquistas das mulheres, não representa totalmente a demanda das mulheres negras. Como exemplo, Lélia Gonzalez afirma que ao lermos textos sobre feminismo encontramos a definição de que é a resistência em aceitar papéis, situações sociais, econômicas, políticas, ideológicas, psicológicas que afrontam a existência de uma hierarquia entre homens e mulheres a partir da qual a mulher é discriminada.

Para a autora, ao substituímos o termo mulher por negros (ou indígenas) teríamos uma excelente definição de racismo. A discriminação racial que estas mulheres sofrem tem sua primícia pautada nas diferenças biológicas exatamente como o sexismo. O “esquecimento” dessas mulheres negras pelo feminismo branco tem a raiz na visão de mundo racista e eurocêntrica que temos e que será tematizada mais a frente neste trabalho.

Assim, esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro aborda a trajetória pessoal e a escrita da autora Conceição Evaristo, posicionando-a dentro da crítica literária brasileira, problematizando as cicatrizes em seu corpo social causadas pelo racismo. Ainda neste capítulo, uma revisão bibliográfica da autora será feita, além de pesquisa sobre a circulação de suas obras.

No segundo capítulo, realizar-se-á uma análise de aportes teórico-críticos de Lélia Gonzalez, Angela Davis, Maria Lugones, entre outras autoras, com o objetivo de apontar a desumanização opressora que mulheres negras sofrem, partindo da análise de trechos da obra Ponciá Vicêncio, que confirmam a desumanização e intensificam a opressão social e o racismo na vida das personagens. Também neste capítulo, engendra-se um estudo da obra selecionada como corpus com o objetivo de apontar as ações de resistência explícitas e implícitas na vida da personagem principal.

Por fim, no terceiro capítulo será trabalhado a relação de ancestralidade e trabalho evidentes na obra literária, relacionando com questões sociais e de luta pelos direitos das mulheres negras

O método utilizado será o da literatura comparada. Pensar na análise da obra literária Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo, com base teórica nas escritoras de literatura feminista negra e ter por método a literatura comparada pode trazer

uma abrangência significativa à pesquisa, já que as personagens criadas pela autora remetem a muitas mulheres negras, que ainda nos dias de hoje, sofrem discriminação social, violência física e moral, sem deixar de citar a pobreza extrema que muitas enfrentam nas favelas e periferias do país.

Beatriz Resende<sup>1</sup> (2021) em debate no canal ciclos de literatura Latino-Americana comparada cita a Associação Internacional de Literatura Comparada, criada em Oxford, na Inglaterra, em 1954, como o marco inicial de existência do debate em literatura comparada. Neste início, a ideia era reunir os comparatistas que estudavam e comparavam a língua ou literatura de cada país.

Segundo Resende, no Brasil, de início, a literatura comparada se restringia a uma comparação entre a literatura de autores brasileiros e estrangeiros. Atualmente, ela vai muito além, o sentido de falar de comparatismo é mais amplo, o comparativismo é uma epistemologia, e como exemplos de comparativismos nos dias atuais a autora cita a comparação entre a literatura e as outras artes, como cinema, ou a literatura e outras narrativas, como o feminismo.

É possível a comparação dentro de um único território como, por exemplo, a comparação entre centro e periferia, ou diferentes territórios linguísticos e culturais, como o comparativismo entre as literaturas latino-americanas. Desta forma, podem ser abordadas literaturas e assuntos que antes não eram contemplados, como aquelas que trazem comparações relacionadas a grupos sociais, raciais, questões de gênero, literaturas decoloniais e comparativismos conceituais, como entre os conceitos de desumanização e resistência, realizadas neste trabalho.

Assim, o fato de a obra literária aqui discutida trazer uma análise para além da literatura, apontando para uma discussão em torno da literatura e das questões étnico-raciais e de gênero, enfatiza o comparatismo desta dissertação. Relacionar a literatura/ficção com a teoria do feminismo negro e decolonial, comprova a definição/conceito de que a literatura muitas vezes é a descrição/imitação da vida real.

A falta de políticas públicas, educação e oportunidades são fatores consequentes de toda essa disparidade. Ponciá Vicêncio, que de personagem fictícia

---

<sup>1</sup> Conversa com Beatriz Resende (UFRJ) – Ciclo De Literatura Latino-Americana Comparada, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QEgULk83X5Q&t=1214s>

espelha a dura realidade de incontáveis mulheres reais traz, com a sua representatividade, para o centro das discussões literárias, o quanto ainda é preciso lutar por igualdade de direitos para todos/as.

Portanto pode-se enfatizar a originalidade deste trabalho, já que relacionar a obra Ponciá vicêncio com as teorias e a metodologia utilizada poderá trazer contribuições para a literatura e também para os estudos sociais e à pesquisa, já que as personagens criadas pela autora remetem a muitas mulheres negras que ainda nos dias de hoje sofrem discriminação social, violência física e moral, sem deixar de citar a pobreza extrema que muitas enfrentam nas favelas e periferias do país.

## Vozes-Mulheres

### Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó  
 ecoou criança  
 nos porões do navio.  
 Ecoou lamentos  
 de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
 ecoou obediência  
 aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
 ecoou baixinho revolta  
 no fundo das cozinhas alheias  
 debaixo das trouxas  
 roupagens sujas dos brancos  
 pelo caminho empoeirado  
 rumo à favela

A minha voz ainda  
 ecoa versos perplexos  
 com rimas de sangue  
 e  
 fome.

A voz de minha filha  
 recolhe todas as nossas vozes  
 recolhe em si  
 as vozes mudas caladas  
 engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
 recolhe em si  
 a fala e o ato.  
 O ontem – o hoje – o agora.  
 Na voz de minha filha  
 se fará ouvir a ressonância  
 O eco da vida-liberdade.

(In: *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25)

## 2 ESCRIVIVÊNCIA

A escritora Conceição Evaristo nasceu em uma favela na Zona sul de Belo Horizonte, em 1946. Formou-se professora e em 1971, foi para o Rio de Janeiro, prestou com aprovação concurso municipal, depois foi aprovada no curso de Letras na Universidade Federal do mesmo Estado. Conceição é mestre pela PUC/RJ, doutora em Literatura Comparada pela UFF, (Universidade Federal Fluminense).

A autora publica poemas e contos na coletânea Cadernos Negros desde 1990, e é chamada para palestras no Brasil e no exterior, nas quais aborda as questões de gênero e etnia na literatura brasileira. Ponciá Vicêncio foi o seu primeiro romance, publicado em 2003. O livro foi divulgado também em inglês em 2007. A obra narra problemas enfrentados quase que diariamente por mulheres afrodescendentes. Seu livro de contos "Olhos d'água", desde 2014, ano da primeira publicação, chama a atenção por conta da escrita forte em que o cenário se apresenta sem espaço para o negro pobre oriundo da favela, o convívio com a morte é constante nas narrativas.

A trajetória da protagonista que dá nome ao livro é narrada desde a sua infância até a idade adulta. Quando criança, Ponciá mora com a mãe Maria Vicêncio, na Vila Vicêncio, vila esta que abriga uma população de descendentes de escravos. Seu pai e seu irmão são trabalhadores rurais na lavoura para a família Vicêncio, que é dona das terras e do sobrenome dos habitantes da vila, como a família de Ponciá. O romance tem uma história em partes que, através de flashbacks, narra a infância da menina na vila junto da mãe e do artesanato com o barro que as duas fazem.

A menina Ponciá é mostrada alegre; adotando uma crendice popular brasileira, brincava de passar por debaixo do arco-íris. Mostrava semelhança física com o avô Vicêncio. Este, ainda escravo, num momento de insanidade e tremenda indignação diante da escravidão, mata a esposa e se mutila, cortando o próprio braço, o mesmo braço curto que Ponciá imita desde pequena. Por esse motivo todos dizem que a menina carrega consigo a herança do avô. Nêngua Kainda, uma velha sábia que vive na vila Vicêncio, é quem mais enfatiza isso à menina. Para ela, Ponciá precisava cumprir sua herança.

Após o falecimento do pai, Ponciá decide partir para a cidade grande em busca de uma vida melhor. Ela vai de trem e demora dias sofridos até chegar à cidade grande. Ela chega ao lugar sem referências, pernoita na porta da igreja e

depois consegue um emprego como doméstica. Enquanto junta dinheiro para comprar um barraco na favela para trazer a mãe e o irmão para morarem com ela, na vila Vicêncio, Luandi, seu irmão, também decide migrar, para a tristeza de sua mãe.

O rapaz faz a mesma viagem que a irmã e chegando à cidade, arruma emprego de faxineiro numa delegacia, por meio de uma indicação do soldado Nestor, negro que ele conhece na estação de trem. Luandi fica feliz, já que seu sonho era ser soldado.

Já Maria Vicêncio, sem os filhos, decide viajar sem direção. Neste tempo, Ponciá volta à vila em busca dos seus, mas não os encontra. Nêgua Kainda, a aconselha e diz que um dia, além de cumprir sua herança, ela reencontrará a mãe e o irmão.

De volta à cidade, Ponciá se junta a um homem que conhece na favela. Inicialmente deslumbrada, depois passa a sofrer com suas agressões físicas, causadas, principalmente, por causa do estado de apatia que ela se encontra e no qual permanece por longo tempo. As perdas de Ponciá foram muitas: a ausência dos familiares e os sete abortos que sofreu.

Luandi, na cidade, aprende a ler e a escrever e se aproxima cada vez mais do sonho de ser policial. Conhece Bilisa, uma prostituta, também negra, por quem se apaixona e juntos planejam um futuro. Entretanto, a moça é cruelmente assassinada pelo Negro Climério, seu guarda costas e companheiro da cafetina, este fato interrompe os sonhos do jovem casal. Antes disso, Luandi, com a farda emprestada do soldado Nestor, retorna à vila, não encontra nem a mãe nem a irmã, mas, através de pistas simbólicas, como o sumiço da estátua do avô, as cinzas no fogão e a casca de uma cobra, percebe que elas estiveram lá há pouco. Ele deixa seu endereço com Kainda, para caso de a mãe retornar.

Maria Vicêncio, de posse do endereço do filho, vai ao encontro dele na cidade grande. Na favela, Ponciá, em seu delírio com saudades do barro, decide voltar à cidade natal, e lá, na estação de trem reencontra a mãe e o irmão. O final do livro traz, além do reencontro dos três, o encontro de Ponciá consigo e com o cumprimento de sua herança ancestral, junto do rio, do arco-íris e do barro.

A procura de Ponciá é como uma busca individual, por si mesma e também coletiva: pelos familiares e suas origens, sua ancestralidade. Essa procura de Ponciá vai se confirmar durante todo o romance como uma importante metáfora que mostra a forma como se deu a diáspora e a história dos ancestrais escravizados

divergindo da literatura eurocêntrica.

Ponciá, vai em busca de uma vida melhor na cidade, mas acaba desterritorializada numa favela, apenas existindo ao lado de um marido que não a compreende. Nesse panorama, Ponciá confirma sua descendência de escravizados na vida difícil que leva, nos sonhos apagados pela discriminação e pela marginalização que tanto ela quanto os outros da sua família sofrem.

A personagem passa, então, pelo que Orlando Patterson (1982) denomina “morte social”, ou seja, a invisibilidade diante da sociedade. Sua condição social e cultural continua, portanto, sendo regida pelo passado africano. Sua trajetória do espaço rural para o urbano representa sua condição diaspórica. Assim, mesmo que a viagem feita pela menina em sua procura não seja a viagem transnacional citada pelos estudiosos da diáspora, ela se constitui numa metáfora desta, por isso, a considero uma espécie de “diáspora interna”, ou seja, a viagem de Ponciá e de tantos brasileiros dentro do seu próprio país em busca de uma vida melhor. A passagem em que a menina faz a viagem de trem para a cidade confirma essa associação:

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino (Evaristo, 2003, p. 35).

Escrito em terceira pessoa, a obra mescla ficção com as experiências e memórias da autora e confunde-se com a sua biografia. Suas obras narram muito sua vida. Ela mesmo criou um termo para seu tipo de literatura: A escrevivência foi a denominação que encontrou para comprometer-se com a própria condição de mulher negra em uma sociedade onde o racismo ainda existe e constitui todas as relações sociais. Este termo, segundo a autora, aponta para a dimensão de que a vida se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta. É nesse sentido que ler Conceição Evaristo é visitar a vida de uma mulher que batalhou para conquistar seu espaço, mas que em razão do preconceito esta luta custou muito.

A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo, e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu.(EVARISTO 2019)

A literatura significou para Conceição Evaristo uma libertação. Suas obras apresentam aqueles e aquelas que com suas vidas povoaram a memória da autora transformando-se em memórias vivas na transformação da escrita. “Homens, mulheres Crianças que amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela” (EVARISTO, 2006). Uma possibilidade de registrar as injustiças, as dores e os silêncios que de outra forma permaneceriam ocultos, como memórias subterrâneas.

Conceição Evaristo espelha-se na imagem ancestral das mãos lavadeiras de sua mãe, que escreviam na lama, mobilizando todo o corpo para a inscrição da imagem da manutenção da vida, o sol:

Era um ritual de escrita composto de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos. E nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção a página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento- grafia era uma simpatia para chamar o sol. (...) Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas, sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. (EVARISTO,2007)

Na narrativa sobre um dos lugares de nascimento de sua escrita, a poeta valoriza o saber ancestral cultivado por sua mãe, uma mulher negra periférica. Através deste saber, desenvolve a sua concepção de escrita como uma atividade urgente, comprometida com a vida de pessoas negras que têm a necessidade de evocar futuros ensolarados e esperançosos. Conceição traz, muitas vezes, em suas palestras, a imagem de Anastácia, escravizada amordaçada pela máscara de flandres, como imagem de toda população negra silenciada pela violência colonial.

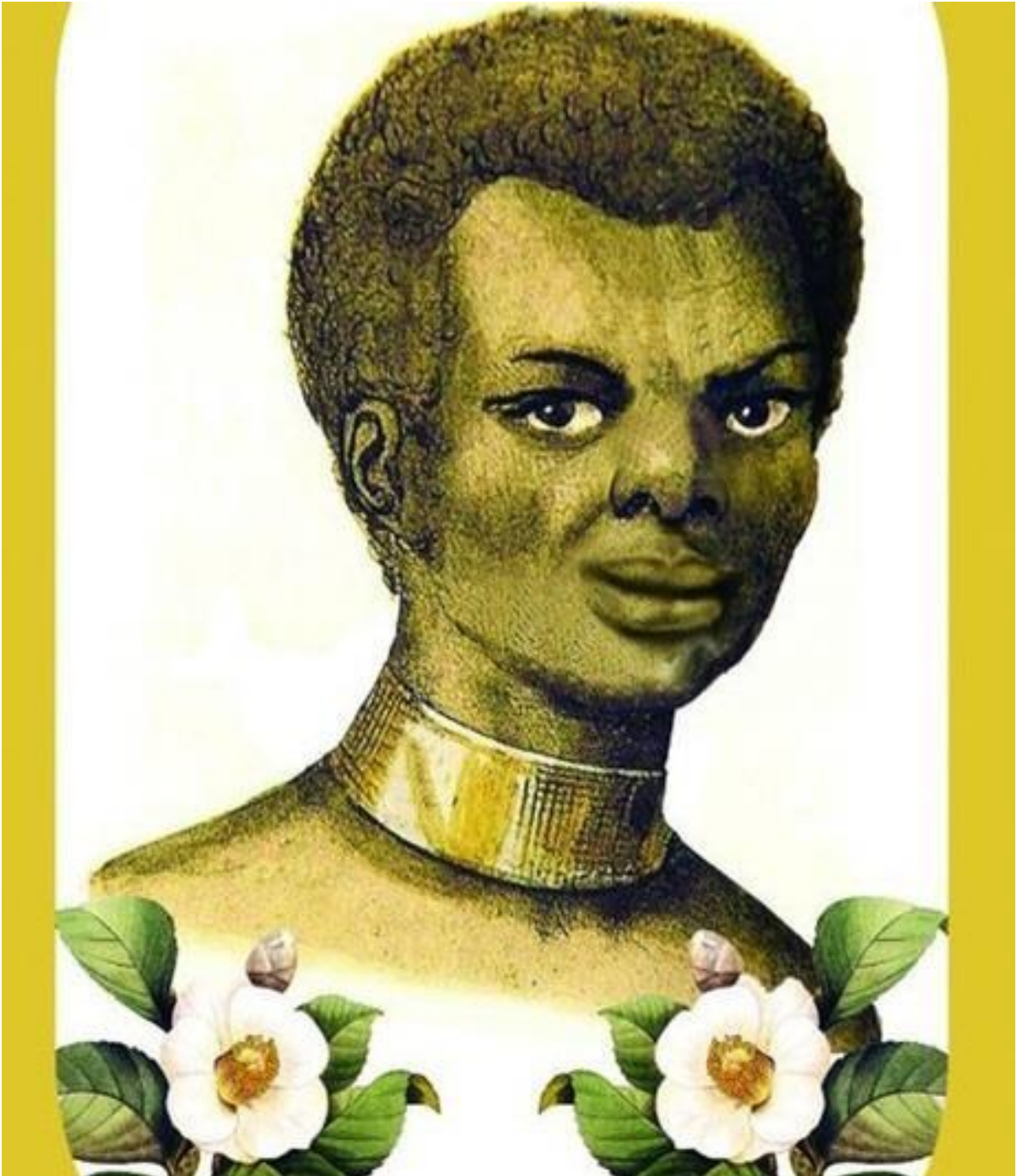


*Anastácia retratada por Etienne Arago, usando dois instrumentos de castigo. Imagem: arquivo público.*

Contudo, a poeta diz que sabemos falar através da máscara e, por vezes, de modo tão potente, que somos capazes de romper com a máscara e estilhaçá-la. Assim, ela desenha um projeto literário descolonizador, no qual a poesia negro-feminina não se furta a incomodar os sonhos injustos dos da casa grande: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (EVARISTO, 2007).

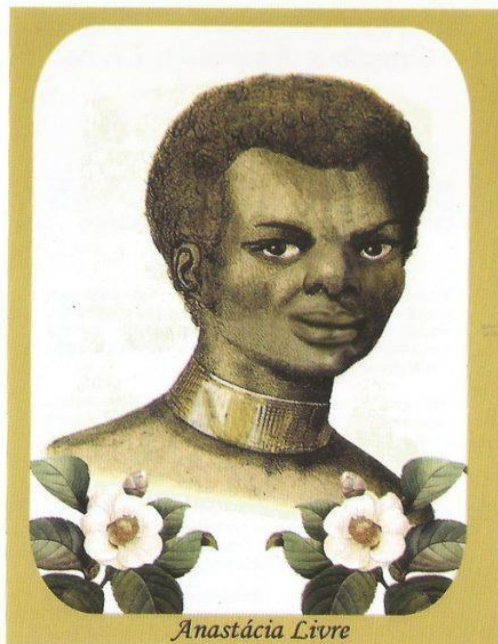
Romper o silêncio e oferecer imagens positivas para as mulheres e homens negros. Em sua obra, a autora mostra a personagem principal em um silêncio que perdura quase que a obra toda, silêncio marcado pelas lembranças da infância, lembrança da sua terra, mas, também lembranças daqueles que vieram antes dela, do avô que foi escravizado e enlouquecera, da vida difícil, do servir aos senhores, mesmo quando a escravidão já não existia mais no papel, mas, continuava existindo nas suas vidas. Ponciá, no seu silêncio também usou a máscara de flandres, não fisicamente em seu rosto, mas, simbolicamente ali, toda vez que o racismo afetava sua vida, toda vez que precisou humilhar-se para conseguir sobreviver, a máscara era posta em seu rosto.

A obra de Etienne Arago foi ressignificada em 2019 pelo artista Yhuri Cruz, intitulada Monumento à voz de Anastácia ou Anastácia Livre. O artista tentou monumentalizar a voz antagonizada historicamente de Anastácia, re-historicizando a imagem.



Obra "Anastácia Livre", do artista Yhuri Cruz | Foto: Divulgação <https://todosnegrosdomundo.com.br/anastacia-livre/>

A imagem ficou conhecida rapidamente, é utilizada em camisetas e diversos outros suportes difundindo-a por todo território nacional. Na exposição de Carolina Maria de Jesus, no IMS em São Paulo, são distribuídos santinhos de oração com a imagem.



### ***Oração a Anastácia Livre***

Festa dias 12 e 13 de Maio.  
Comemora-se todos os dias 12 e 13.

Se você está com algum **PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO** e precisa de **AJUDA URGENTE**, peça esta ajuda a Anastácia Livre.

#### **ORAÇÃO**

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer que **sua luta te tornou superior, conquistaste tua voz**, tanto que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil a quem luta por dignidade.

Anastácia, **és livre**, pedimos-te ... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme e penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

Monumento à voz de Anastácia  
Yhuri Cruz, 2019

Oração da Anastácia Livre, obra de Yhuri Cruz | Foto: Divulgação

De acordo com Hêmille Perdigão (2022), Evaristo transforma o silêncio desejado por Ponciá e vivido em grande parte do romance, essa transformação acontece quando ela torna seus leitores testemunhas das dores da personagem. Anteriormente, Ponciá desejava o silêncio como forma de preservar suas memórias dolorosas sem precisar compartilhá-las com ninguém. No entanto, o romance traz à tona essas memórias e às expõe para os leitores, que se tornam as testemunhas que faltaram à Ponciá. Dessa forma, o silêncio desejado por Ponciá é rompido pela própria existência do romance.

O homem de Ponciá acabava de entrar em casa e viu a mulher distraída na janela. Olhou para ela com ódio. A mulher parecia lerda. Gastava horas e horas ali quieta olhando e vendo o nada. Falava pouco e quando falava, às vezes, dizia coisas que ele não entendia. Ele perguntava e quando a resposta vinha, na maioria das vezes, complicava mais ainda o desejado diálogo dos dois (EVARISTO, 2005, p. 16-7).

Evaristo narra e enfatiza os momentos de alheamento da personagem na obra. Como citado acima, onde Ponciá abandona o presente para

mergulhar em suas lembranças passadas, tentando encontrar o momento em que ela própria se perdeu, o momento em que o silêncio tomou conta de sua vida. Esse silêncio retratado acaba representando todas as mulheres negras silenciadas no decorrer da história e da diáspora africana.

A autora Grada Kilomba (2010) usa a psicologia para analisar a construção da Negritude como alteridade e os motivos pelos quais a boca de escravizados(as) tinha que ser mantida fechada. Ela discute a importância da voz e da fala na construção da identidade e como a máscara, que tapa a boca do sujeito Negro, impedia-o de falar e, portanto, de se expressar e se afirmar como sujeito.

Michael Pollak (1989), ao apresentar estudos no campo da história oral, destaca a importância destas memórias que são pertencentes a uma minoria política, a culturas dominadas e apagadas que muitas vezes se opõem à memória nacional que é dominante. Estas memórias, como acentua Pollak, emergem todos os espaços com o poder da escrita. A escrevivência se torna a ferramenta de escrita para contar a história das mulheres que vivem excluídas, também, relembrar àquelas que passaram pela vida da escritora, que fizeram parte de seus dias. Que foram esquecidas e ainda são apartadas de seus direitos básicos.

Para Pollak, a relação entre memória e silêncio é complexa. Existem lembranças proibidas, indizíveis ou vergonhosas que são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade. Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.

Essa tipologia de discursos, de silêncios, também de alusões e metáforas é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. Portanto, o silêncio pode ser uma forma de proteger a memória, mas, também pode ser uma forma de esquecimento ou de repressão.

Ao descrever suas personagens, Evaristo mistura o real e a ficção, mostrando a dura face da realidade, mas, também, descreve sentimentos e relações de afeto entre os homens, as mulheres e as crianças. A convivência harmoniosa que não desaparece mesmo com a pobreza extrema ou com a exclusão. Essa é uma das mais lindas de todas as memórias resgatadas que Conceição Evaristo nos transmite.

Em entrevista à Tayrine Santana do projeto Itaú Social, e Alecsandra Zapparoli, da Rede Galápagos de São Paulo, a autora Conceição Evaristo falou um pouco sobre como surgiu o termo *escrevivência*:

“É uma longa história. [...] Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. [...] E é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a *escrevivência*. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande. (EVARISTO 2020)

O termo criado pela autora relaciona o papel que as mulheres negras tinham quando contavam suas histórias para as crianças que cuidavam, que amamentavam na casa-grande, tem relação, mas segue o caminho inverso, na *escrevivência* a mulher negra borra essa imagem do passado, protagonizando a sua história, a sua vivência.

A autora fala sobre o objetivo da *escrevivência* que é denunciar, provocar, e dentro da literatura a função das histórias é justamente provocar de maneira poética. “A *escrevivência* quer justamente provocar essa fala, essa escrita e essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que será feita.” (EVARISTO 2020). Ainda, para a autora, literariamente a escrita é um brincar com as palavras e também uma forma de denúncia e resposta para aqueles que não querem discutir ou ver determinadas temáticas ou realidades transformadas em ficções.

Ao falar sobre sua trajetória na escrita, conta que nunca foi rodeada de livros, mas, sempre foi rodeada de histórias contadas oralmente, e que isso influencia até hoje em sua escrita, pois, prefere utilizar termos menos formais, para que sua literatura não perca essa característica. “Eu quero escrever o mais próximo possível da oralidade. E sem perder essa noção de que estou trabalhando com a arte da palavra.” (EVARISTO 2020). A escritora ainda reafirma a importância da literatura para reparar as injustiças sociais, o trânsito da sua escrita sem grandes intenções provoca fatos inesperados, como cita o fato da sua obra *Ponciá Vicêncio* ter provocado e feito um histórico do que aconteceu com os negros após a abolição no Brasil.

Quando eu escrevi Ponciá Vicêncio eu não imaginava, jamais, fazer um inventário histórico sobre o que aconteceu com os negros após a abolição. [...]. A literatura não é um texto histórico, ela não é um texto religioso, não é um texto sociológico, não é um texto pedagógico. Então, por não ser isso tudo, o texto literário tem essa capacidade de transitar aqui e ali. A literatura dialoga com várias áreas do conhecimento. E tem a capacidade de convocar as pessoas, de falar na sensibilidade das pessoas. [...] ninguém chora diante de um dicionário e elas só ganham sentidos, elas só te tocam se você transformar em uma vivência possível, que você já observou, até em uma ficção. Ela tem a capacidade justamente de convocar as mais diferentes pessoas. Eu tenho experimentado muito isso. Homens, mulheres d, brancos, pretos, velhos, jovens, brasileiros e estrangeiros; se sentirem convocados...porque toca.” (EVARISTO 2020)

Neste trecho pode-se observar o poder que a literatura tem para a autora no mundo, o poder que as palavras têm de transformar pessoas e essas pessoas de transformarem muitas realidades. O crescente número de obras publicadas pertencentes à literatura-afro e principalmente de autoria feminina é resultado, segundo a autora, da possibilidade e percepção que as pessoas estão tendo de suas próprias histórias, elas se dão conta de que suas histórias não são algo sem importância, a escrevivência também tem relação com esse fato, apoiar esse tipo de escrita, incentivar a criação de histórias de vivências pessoais também é importante. Para Evaristo:

A relação entre a escrevivência e esse momento na literatura acontece porque as pessoas passaram também a acreditar que suas histórias faziam sentido. Eu me lembro que conversando com várias mulheres muitas diziam: “Ah! Eu tenho vontade de contar a minha história, mas às vezes eu tenho vergonha dos fatos...” Fatos dolorosos, eu acho, que as pessoas viveram. E eu sempre disse: “Mas não precisa falar que é você! Invente uma personagem! Invente uma pessoa. Acho que a escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Cada pessoa que parar e pensar na sua própria vida pode fazer uma ficção, hoje há um grupo de escritoras e de escritores que descobriu essa possibilidade de aproveitar as suas próprias histórias e a observação do cotidiano, com histórias que nunca foram contadas ou que foram contadas de outras maneiras. As mulheres negras, ou as histórias das mulheres negras, dificilmente servem como inspiração para uma autoria branca e de homem. (EVARISTO 2020).

Incentivar a escrita, principalmente de mulheres negras, tem sido um

dos projetos que Evaristo apoia, ao finalizar a entrevista ela fala que um dos objetivos para o futuro é ler esse tipo de literatura de mulheres jovens e fazer uma antologia delas. Refletindo sobre a atuação da escritora no contexto da sociedade brasileira, Sueli Carneiro cita o epistemicídio como produtor de indigência cultural, isso por limitar as possibilidades das pessoas negras de se desenvolverem intelectualmente e de serem conhecidas como produtoras de conhecimento.

Os modos de inviabilizar as mulheres negras e a deslegitimação de sua autoria se revelam partes de uma mesma lógica que mantém em funcionamento o colonialismo patriarcal e a supremacia branca. O epistemicídio continua a silenciar e colonizar sujeitos e saberes, ao inferiorizar conhecimentos que não são hegemônicos e a desumanização de seus criadores são faces da mesma moeda de dominação.

Ramón Grossfoguel (2019), ao citar o epistemicídio enfatiza que a produção de não existências faz parte de um racismo/sexismo epistêmico cuja atuação é evidente e visível na poesia contemporânea brasileira. O epistemicídio, que inferioriza saberes não ocidentais atua em diversos setores da sociedade, mas, principalmente nas instituições de saber-poder, que produzem a não existência de formas diversas de pensamento.

Diante da reduzida participação de autores negros no cânone literário, o que se torna mais dramático quando o interesse se volta para a produção de poetas negras, o conceito Literatura Negra-brasileira surge como um dispositivo de intervenção no cenário da literatura brasileira, a fim de valorizar e viabilizar a produção de artistas não-brancos. A disparidade entre presenças e ausências na memória nacional, a ausência de autoras negras constrói um imaginário embranquecido, no qual a produção literária de autores e autoras que assumam sua negritude não tem lugar.

Em contrapartida, para Conceição Evaristo, a literatura negra-brasileira contesta os estereótipos produzidos pelo imaginário branco, empreendendo uma rasura e uma descontinuidade no *modus operandi* discursivo: “Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados da representação da mulher negra na literatura”. (Evaristo, 2018)

Portanto, ler Conceição Evaristo tem a possibilidade de abordar a temática tão latente relacionada à mulher negra, mas, por muitas vezes ignorada,

além de fomentar diversas linhas de discussão que estão diretamente ligadas e relacionadas a um olhar crítico para a sociedade, para o gênero, para a classe social e para a raça. Deste modo, a literatura negra-brasileira tem por intenção operar uma “desleitura” da tradição, intervindo nos estereótipos propagados pela literatura canônica.

Em seu artigo: Aprendendo com a outsider *within*<sup>2</sup>, a socióloga Patricia Hills Collins (2016) faz um relato do lugar social das mulheres negras tanto em espaços acadêmicos como em lugares de trabalhadoras domésticas, refletindo assim um ponto de vista em relação à família e à sociedade. Essas mulheres negras participavam assiduamente não só de seus afazeres, mas, também tomavam conta e sabiam da rotina e assuntos da família branca a qual serviam, elas viram a elite branca através de uma perspectiva que outras pessoas não conseguiam ver. Essa visão citada por Collins passou a desmitificar e mostrar que seus senhores não tinham status superior pelo intelecto ou humanidade, seu status era justificado pelo racismo que os colocava em lugares sociais privilegiados e favorecia seu acesso aos bens econômicos e simbólicos da sociedade apenas por fazerem parte da elite branca.

Essa relação era totalmente satisfatória para os envolvidos brancos, afinal, neste papel de *Insider* das mulheres negras, eram encontrados discursos de amor e afeto pelas “mães” negras, que não passavam de discurso, pois, na prática elas eram tratadas de forma desumana. Quando as mulheres negras ressaltam essa percepção e contradição entre o discurso e os atos de seus/suas senhores/as, elas o fazem a partir desse status de *outsider within*, esse lugar social que lhes permite construir um ponto de vista especial quanto ao seu self, da família branca para quem trabalham e da sociedade.

Bell Hooks (1984) capta o ponto de vista único que esse status pode criar, ao descrever parte de sua infância: “Ao viver como vivíamos, na margem, desenvolvemos uma forma particular de ver a realidade. Olhávamos tanto de fora para dentro como de dentro para fora.” Para a autora, esse ponto de vista tido pelas mulheres negras afro-americanas produziu análises distintas sobre questões de raça, classe e gênero e que hoje pesquisadores identificam como sistemas interligados de opressão ou interseccionalidade.

Assim sendo, o pensamento feminista negro observa e interpreta a

---

<sup>2</sup> Não existe uma tradução literal para a expressão, uma das possíveis traduções: estrangeiras de dentro.

condição feminina explicando diferentes expressões de temas comuns, consistindo assim em ideias produzidas por estas mulheres negras, mas, registrados por outras pessoas, já que elas próprias, na maioria das vezes, não tiveram ou ainda não têm acesso à escrita no domínio intelectual, ou muitas vezes estes conhecimentos são transmitidos de forma oral.

Outro termo citado por Collins é a autodefinição de mulheres negras, e neste caso ela menciona Mae King (1973) que sugere que estereótipos são representações feitas externamente por outros grupos e que geram imagem de controle que desumanizam e exploram o trabalho das mulheres negras.

Tratar grupos socialmente dominados, como é o caso das mulheres negras, como “outros” ou objetos, é parte fundamental dos mecanismos de poder racistas e machistas. No entanto, se as mulheres negras não aceitaram o status de “outro”, as justificativas para esse tipo de dominação acabam sendo contestadas. A opressão vivenciada pelas mulheres negras é moldada por inúmeros discursos que são utilizados para justificar os diversos tipos de violência direcionadas a elas, como por exemplo: a declarada natureza emocional passional das mulheres é justificativa usada para exploração sexual, assim como a negação da alfabetização às mulheres negras e depois julgá-las incapazes. Desta forma, se atribui status inferior às pessoas negras e depois utiliza esse próprio status para provar a inferioridade de todo o grupo. O caso exibido no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, do desembargador de Santa Catarina<sup>3</sup> que manteve uma mulher negra surda, sem contato com o mundo externo por quase trinta anos, não permitiu que ela estudasse ou aprendesse libras e, ao ser indagado sobre isso, justificou que era por ela ser incapaz, é outro um bom exemplo disso.

Collins ainda fala sobre as relações culturais e os valores únicos de um dado grupo, símbolos e valores ideológicos, a cultura de mulheres negras pode fornecer uma visão diferente às opressões que sofrem. A cultura acompanha as mulheres e está presente nas instituições sociais como a igreja, nas tradições familiares, na dança, na música e se não forem reprimidas permeiam as atividades sociais e políticas.

O trabalho de Collins nos permite perceber que as mulheres negras

---

<sup>3</sup> <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/08/03/mulher-resgatada-da-casa-de-desembargador-de-sc-em-investigacao-por-trabalho-escravo-tem-dificuldades-de-comunicacao-basica.ghtml>

não são apenas *outsiders within*, estrangeiras de dentro, em um ramo dos estudos sociais como a sociologia, ou *outsiders* que estão adentrando em lugares que historicamente às excluía, como a literatura. As experiências das mulheres negras destacam a tensão vivenciada por qualquer grupo minoritário politicamente que se depara com uma comunidade mais poderosa. Assim sendo, uma variedade de grupos pode aprender com as experiências das mulheres negras, entre esses grupos, pode-se citar os homens negros, a classe trabalhadora, minorias religiosas e sexuais.

Conceição Evaristo é excelente exemplo de alguém que utilizou seu status de *outsider within* de forma sábia e criativa, produzindo uma literatura rica e complexa capaz de favorecer a construção da autoavaliação e autodefinição das mulheres negras. Seu conceito de escrevivência é a materialização disso. De forma geral, Conceição percorre nosso passado deixando claras as marcas da exclusão sofridas por um determinado grupo racial. Mescla história não-oficial, memória individual e coletiva com invenção literária. Nascida numa favela mineira, enquanto trabalhava como doméstica, sonhava ser professora. Em depoimento, afirma a escritora:

Em 1971 não havia concurso para o magistério e, para ser contratada como professora, era necessário apadrinhamento. As famílias tradicionais da época, temendo a perda da empregada, nunca me indicariam, não imaginavam e não queriam para mim outro lugar a não ser aquele que “naturalmente” haviam me reservado. Houve mesmo uma patroa de minha tia, numa casa em que eu ainda menina e já mocinha ia fazer limpeza, lavar fraldas de bebês, ajudar nas festas, entregar roupas limpas e buscar as sujas, que fez a seguinte observação: “Maria, não sei por que você esforça tanto para a Preta estudar!”

As atuações de Conceição Evaristo na poesia e na academia se dá de forma paralela e complementar, como professora convidada em várias instituições brasileiras e estrangeiras, em entrevista a pesquisadora Barbara Araújo falou sobre sua atuação e a importância de existirem vozes negras na literatura,

Quem dita o cânone não é o pobre, não é o negro, não é o índio, não é a mulher, entende? Então eu acho que essas vozes, elas são necessárias dentro do espaço acadêmico pra gente até tornar essa academia realmente mais democrática, onde todos os saberes serão assumidos com a mesma receptividade. (SOUZA, 2020, p.121).

Guiada pela elaboração de um pensamento descolonizador, que cria saídas ao racismo que vivemos em nosso país. Evaristo, através de palavras produz pensamento afro-diaspórico, que partem do lugar de fala de mulheres negras criando recepção crítica e meios de legitimação para a literatura negra.

Bell Hooks (1995), ao falar sobre as intelectuais negras, traz à tona as interdições que dificultam o exercício da intelectualidade pelas mulheres negras, que precisam romper com os diversos estereótipos que restringem suas vidas à repetição de lugares subalternos, como as de empregada doméstica, mãe preta e mulata sensual. Para ela, a mulher exercer a intelectualidade significa fazer valer o direito de viver mais plenamente suas capacidades, o que não implica o distanciamento da comunidade negra ou o embranquecimento. É de extrema importância que se dê o contrário. Nas palavras de bell hooks, “a vida intelectual não precisa separar-nos da comunidade, mas antes, pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade”.

Através de versos e prosa Evaristo reescreve a própria memória e de nosso país. A memória surge como construção simbólica e política, que acolhe, inscreve subjetividades silenciadas, trazendo à tona concepções de mundo produzidos pelo olhar eurocêntrico e pela herança colonial. Neste âmbito de construção de uma memória em que os negro-brasileiros sejam sujeitos de suas histórias.

Neste sentido, é de extrema importância ler as obras de Conceição Evaristo, intelectual negra que combate o epistemicídio e o racismo dentro e fora das universidades, criando recursos para a descolonização do pensamento. É importante conectar a trajetória da autora com o histórico dos movimentos que rompem o silêncio e criam espaços para que pessoas negras possam desenvolver suas subjetividades e aptidões.

A narrativa-escrivência pode ser uma forma de resistência política ao se afastar dos modos tradicionais e positivistas de se fazer pesquisa, que excluem negros do processo de produção do conhecimento. A autora defende a literatura como possibilidade de potencializar a construção das identidades, o fortalecimento e a valorização do pertencimento negro, em que narrativas promovem o encantamento e a descoberta da beleza de ser negro e a denúncia da condição subalterna que a

sociedade insiste em colocar a mulher e negra.

### 3 DESUMANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA

Conceição Evaristo, em suas obras aborda assuntos de gênero e questões sociais, uma literatura epistemológica, com questões, olhares e críticas pós-coloniais. No início da obra Ponciá Vicêncio tem-se uma descrição, um retrato próprio da personagem mulher que está em construção a partir do espaço onde vive, caracterizado por inúmeras marcas deixadas pelos ancestrais escravizados. Tratar primeiramente dos movimentos e ações que tornaram o sujeito feminino negro socialmente inferior tornar-se-á importante para a compreensão dos nuances vividos pela personagem Ponciá Vicêncio.

Maria Lugones, em sua obra: Rumo a um feminismo descolonial (2014), aponta para a hierarquia dicotômica que se deu com a colonização das Américas. Segundo a autora, houve uma distinção entre o humano e o não humano, aqueles que não eram considerados humanos eram os escravizados e colonizados e isso, segundo ela, se deu desde a colonização das Américas e do Caribe,

Só os civilizados são homens e mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/das como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. (LUGONES, 2014 p.936).

Na citação acima, Lugones descreve concepções tidas pelos europeus colonizadores, evidencia a brutalização, o abuso e a desumanização que a colonialidade de gênero (LUGONES, 2014) implica. Para a filósofa decolonial, na organização sexual dicotômica imposta pela colonização, que é a divisão dos seres humanos em masculino e feminino, homem e mulher, não havia espaço para os/as escravizados/as. Eram consideradas mulheres apenas as brancas burguesas que eram símbolo de pureza e perpetuação do capital. Com estas justificativas e visões burguesas os homens brancos tinham total acesso à exploração das mulheres negras e indígenas. Essa divisão sexista e biologicista fez com que os povos colonizados, principalmente as mulheres, fossem vistas como animais, aberrações, submetidas a todo tipo de exploração, humilhações e violências. Além disso, houve a desintegração

de parentesco de pai e filho, mãe e filha, o que colocou os colonizados em situação de meros objetos comercializados. O processo de colonização reduziu-os a coisas não humanas, ignoraram toda a cultura, política, religiosidade e relação com o cosmos e com a terra que eles tinham.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano (2002) relata que o sistema capitalista que vivemos nos dias de hoje é resultado dessa colonização, para entendermos todo esse sistema que oprime basta olhar para o século XVI onde ele iniciou. A colonização das Américas constituiu uma forma de exploração onde a “raça” era um dos padrões de classificação social. Para Quijano, a colonialidade é um dos elementos constitutivos do padrão de poder capitalista que opera nas dimensões materiais e subjetivas da vida social e se fundamenta na imposição de uma classificação racial da população mundial. Lugones, juntamente com a raça, agrega o gênero como um conjunto que desumaniza e oprime os povos não brancos, chamando de colonialidade de gênero essa matriz de dominação que alcança todos os âmbitos da vida social no capitalismo.

Estas denominações e conceitos me fizeram compreender melhor a importância da escrita como processo de recomposição das violências sofridas pelas mulheres negras marcadas pela experiência da pobreza e do racismo. Como diz Walter Benjamin, “Para uma atitude política que se concretiza na maneira como a escrita procura vasculhar as vidas dos que lutam por sobreviver em condições intensamente desfavoráveis”. (BENJAMIN,1987). Assim, todo aquele corpo que não era branco, cristão ou ocidental era retirado da categoria civilizatória que organizava a vida social, e apenas homens brancos e mulheres brancas eram reconhecidos como humanos e tratados com respeito e dignidade (as mulheres brancas eram vistas como inferiores aos homens brancos, mas, eram reconhecidas como seres humanos). O que os colonizados acreditavam foi apagado: eles eram vistos como aberrações pecaminosas. As mulheres negras eram tidas como impuras, sequer eram consideradas mulheres, para Lugones, eram simplesmente uma categoria vazia.

Tratando ainda deste aspecto, Angela Davis (2016) em sua obra “Mulher, raça e classe”, cita a forma como os escravizados eram enviados nos Estados Unidos para a exploração no campo. Ainda crianças, independente do sexo, as meninas eram forçadas a trabalhar nas lavouras de algodão, cana e tabaco. As moradias eram inabitáveis, cabanas que os expunha ao frio e a chuva que os escravizados tentavam amenizar com pedaços de algodão. Ainda, segundo a autora,

quando o tráfico de escravizados começou a ser ameaçado, as mulheres escravizadas passaram a ter um valor lucrativo em relação à reprodução natural, quanto maior o número de filhos elas podiam ter, mais valiam, porém não gozavam de nenhum privilégio devido a isso. Pelo contrário, trabalhavam com os filhos amarrados nas costas e eram separadas deles quando eram vendidos para outros senhores de escravizados. Estas mulheres jamais foram vistas como mães protetoras, por exemplo, sempre foram tratadas brutalmente, eram açoitadas tanto quanto os homens. Todavia, sofriam algumas formas diferentes de violência, como o abuso sexual que eram muito mais generalizados para elas, que eram nesses momentos vistas apenas como fêmeas, mas, nunca como mulheres.

A personagem criada por Conceição Evaristo nos remete às mulheres negras analisadas por Angela Davis na época da escravidão norte-americana. Apesar das diferenças, ainda nos dias de hoje elas têm em comum o fato de sofrerem discriminação social, violência física e moral, sem deixar de citar a pobreza extrema que muitas enfrentam nas favelas e periferias do país, falta de políticas públicas, educação e oportunidades são fatores consequentes de toda essa disparidade e da visão racista e eurocentrada de nosso país. Ponciá Vicêncio, de personagem fictícia passa a representar muitas mulheres reais, sua representatividade ajuda a perceber o quanto ainda é preciso lutar por igualdade de direitos para todos e todas.

Em relação a isso, Lélia González cria o que denomina de categoria político-cultural de amefricanidade, e sua justificativa está pautada na formação do país, que inconscientemente é tida como Europeia. “Ao contrário, ela é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: Améfrica Ladina” (Gonzales,2020p.134). Ainda, segundo Lélia Gonzalez:

Os termos “afro-american” (afro-americano) e “african-american” (africanoamericano) nos remetem a uma primeira reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos, e não em todo o continente. E a uma outra, que aponta para a reprodução inconsciente da posição imperialista dos Estados Unidos, que afirmam ser “A AMÉRICA”. (Gonzalez,2020p.134)

A autora se refere ao senso enganoso de que somente existiam negros e racismo de verdade nos Estados Unidos. Porém, em relação a isso, ela ainda afirma:

“A América, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanas /amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, amefricanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada. Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades. (GONZÁLEZ 2020 p.135)

Ainda para a autora, falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas. Como afirma Lélia González, assim como há negros em todo o continente americano há também o racismo em todo ele. Para ela, o racismo é o sistema de dominação que une as diferentes sociedades latino-amefricanas em uma experiência comum de desumanização do povo negro.

Lélia Gonzalez cita alguns dados sobre a divisão racial dos espaços que demonstra que a população negra se concentra principalmente nas regiões mais pobres e menos desenvolvidas do país, isso devido à prática político-social de excluir a população negra na construção nacional. Ela cita como exemplo o fato de os europeus terem se instalado nas regiões mais ricas e produtivas, como o sul e o Sudeste, por consequência temos o que a autora chama de inchação de bairros periféricos e favelas.

Desde a Independência aos dias atuais, todo um pensamento e uma prática político-social, preocupados com a chamada questão nacional tem procurado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira. Assim sendo, não foi por acaso que os imigrantes europeus se concentraram em regiões que, do ponto de vista político e econômico, detêm a hegemonia quanto à determinação dos destinos do país. Refiro-me sobretudo à região Sudeste. Por isso mesmo, pode-se afirmar a existência de uma divisão racial do espaço em nosso país. (GONZALEZ,2020 p. 94)

Lélia Gonzalez, estudiosa e ativista, foi pioneira em debater e questionar o caráter classista e racista do feminismo hegemônico branco, cujas ações negligenciavam as demandas e especificidades das afrodescendentes. Influenciada pelas ideias do psiquiatra martinicano Frantz Fanon, Lélia defendia a descolonização do feminismo e, conseqüentemente, a fundação de um “Feminismo Afrolatinoamericano”, protagonizado por negras e indígenas.

Poderíamos dizer que a dependência cultural é uma das características do movimento de mulheres em nosso país. As intelectuais e ativistas tendem a reproduzir a postura do feminismo europeu e norte-americano ao minimizar, ou até mesmo deixar de reconhecer, a especificidade da natureza da experiência do patriarcalismo por parte de mulheres negras, indígenas e de países antes colonizados (GONZALEZ, 2008, p. 36).

A autora, no trecho, critica essa reprodução do feminismo europeu em nosso país, segundo ela, fazendo isso deixa-se de reconhecer toda a especificidade do nosso povo, bem como a cultura e todas as outras riquezas dos povos colonizados. Em relação ao protagonismo negro, a autora destaca que os primeiros protagonistas dos movimentos negros eram os filhos dos primeiros negros a ingressarem na classe operária.

Importa dizer que os principais protagonistas dos movimentos políticos negros atuais são os filhos dos primeiros negros a ingressarem de forma definitiva na classe operária e nas classes médias, dos heróis da migração interna; são mesclados entre os primeiros estudantes negros a ingressarem na universidade, jovens operários e trabalhadores negros e dançarinos de soul — símbolo moderno da contestação da juventude negra à dominação branca e da miopia dos liberais ante o racismo e sua falsa consciência nacional. (GONZALEZ, 2008, p. 101).

González ainda destaca que enquanto o movimento negro se desenvolvia, outro movimento também se organizava, o movimento de favelas que era organizado a partir do subproletariado e associações de moradores, também aqueles trabalhadores que vinham do interior que trabalhavam em fazendas e propriedades dos antigos senhores de escravos.

A experiência histórica da escravidão negra, por exemplo, foi terrível e sofridamente vivida por homens e mulheres, sejam crianças, adultos

ou idosos. E foi dentro da comunidade escrava que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular pela libertação. (GONZALEZ 2020, p.147)

Na obra Ponciá Vicêncio pode-se perceber esse movimento migratório quando a personagem principal deixa seu lugar de origem, e isso pelo desânimo e a falta de condições mínimas para viver com dignidade ali. Mesmo tendo afeto pelo lugar, Ponciá se vê obrigada a migrar para a cidade grande, e seu destino acaba sendo a favela, lugar onde encontra abrigo. Ponciá decide deixar o povoado pois, estava cansada de trabalhar com o barro, de ir para a terra dos brancos e retornar com quase nada, percebia que seu trabalho não era valorizado. A terra do povoado era cuidada pelas mulheres e crianças, os homens trabalhavam nas terras dos brancos, e depois entregavam a colheita toda aos coronéis, a pobreza só crescia, e ela sentiu a necessidade de traçar outros caminhos.

Um dado trazido por González que podemos ver refletido com Ponciá é a porcentagem de trabalhadoras negras que possuem baixo nível de rendimentos, e geralmente estão em propriedades rurais com afazeres manuais. Em relação à idade, comparando com os brancos, existem mais menores negros desenvolvendo algum tipo de trabalho do que menores brancos, esse fato diminui muito a chance de conseguir concluir os estudos e, como consequência, dificulta a melhora das condições de trabalho e moradia.

A primeira noite que Ponciá passou na cidade foi na porta de uma catedral, na companhia de velhos mendigos e crianças, não conhecia ninguém. No dia seguinte, ao amanhecer ali mesmo na porta da igreja, perguntava para as senhoras que passavam se precisavam de alguém para fazer as atividades domésticas. Depois de conseguir trabalho doméstico, já trabalhando por alguns anos, a personagem consegue guardar dinheiro, compra um quartinho na periferia e retorna para a vila Vicêncio, mas não encontra mais a mãe e o irmão, os moradores da vila informam-na que o irmão partiu para São Paulo e a mãe fechara a casa e partira para algum lugar. “A casinha de pau a pique continuava de pé. Empurrou a porta que abriu doce e lentamente...As vasilhas de barro que a mãe fazia estavam arrumados na prateleira”. (EVARISTO, 2017, pag. 43).

Percebe-se que a volta de Ponciá para sua casa antiga faz com que ela remeta as suas memórias, ela fica ali parada em profunda ausência, no seu

devaneio observando sua antiga casa, ultrapassa as fronteiras terrenas e simbólicas. A Elizabeth Jelin em sua obra *Los trabajos de la memoria* (2022), trata dos eventos relacionados à memória e a eventos traumáticos.

Quando o evento traumático é reprimido ou negado, e só é registrado mais tarde, após algum tempo, com manifestações de vários sintomas. Mais uma vez, neste caso com referência a processos individuais e inter-subjetivos, encontramos evidência de que a temporalidade dos fenômenos sociais não é linear ou cronológica, mas apresenta rachaduras, rupturas, em uma revivência que não se torna opaca ou diluída com a simples passagem do tempo (Caruth, 1995 apud Jelin 2002, tradução minha).

Esse sentimento, de pertencimento, de querer voltar para sua origem, para o barro com que fazia seus trabalhos, ali está sua identidade, de mulher, negra, descendente de escravizados que carrega no sobrenome de um senhor de escravos a história de um povo todo, e a memória, as lembranças que voltam de tempo em tempo levando-a de volta a sua ascendência, preenchendo o vazio que a ausência da origem causou, os desafios e dificuldades enfrentadas depois que saiu de sua terra desconstroem sua identidade, lembrar de suas origens acaba se tornando também uma forma de reconstruir sua identidade.

Também a resistência que ela traz como mulher negra, empregada doméstica, remete a Lugones na sua fala sobre a historicidade do resistir às situações de colonialidade do gênero “Examino e dou ênfase à historicidade da relação oprimir ← → resistir e, portanto, saliento as resistências concretas, vividas, à colonialidade do gênero.” (Lugones, 2014). Mulheres como Ponciá que, apesar da opressão, continuam resistindo à colonialidade. A mesma colonialidade que gerou um processo de desumanização e negou a corpos não brancos o reconhecimento da sua condição de humanidade.

Essa separação racista e hierárquica entre brancos/negros produzida pela colonialidade tem seus efeitos até os dias atuais, como uma herança que teima em ser repassada, e as mulheres negras precisam enfrentar essa herança desumanizadora em todas os âmbitos da vida, inclusive na esfera do trabalho. É o que demonstra a antropóloga Camila Daniel (2019) em relação a mulher negra enquanto pesquisadora:

As mulheres negras acadêmicas encontram resistência da epistemologia dominante que muitas vezes reforçam estereótipos e reproduzem o racismo nas suas produções acadêmicas que termina por alcançar a sociedade extra-muros da universidade[...]As mulheres negras são imaginadas ocupando o lugar de “objeto” da pesquisa. Assim, a epistemologia dominante não reconhece as mulheres negras - acadêmicas ou não - como sujeitos do conhecimento também. (DANIEL, 2019 pg. 29).

Operando na construção social também se encontra o processo de subjetivação opressiva que, para Lugones, torna-se mais pesado pela dicotomia hierárquica entre aqueles corpos que não foram encaixados na categoria humana. Assim sendo, mais uma categoria se instala, além da dicotomia racial que separa humanos e não humanos, há a desigualdade dentro dos próprios colonizados que coloca a mulher negra em uma situação de desigualdade frente ao homem negro. Ao mesmo tempo, a mulher negra também não sofre as mesmas opressões que as mulheres brancas, tendo em vista que essas, mesmo que ainda consideradas frágeis, débeis e incapazes em relação ao homem branco, estão em condição de vantagem em relação a mulher negra, pois, esta última sequer é reconhecida como humana pela colonialidade de gênero (LUGONES,2014). Com isso, as mulheres não brancas que foram colonizadas sofrem ainda mais com a subjetivação opressiva.

Essa opressão que a colonialidade de gênero impõe sobre as mulheres negras pode ser percebida em mais um trecho da obra de Evaristo. Uma das crenças que Ponciá tinha quando criança e ia pegar barro no rio era de que se uma menina passasse debaixo do arco-íris virava menino, a personagem na época gostava de ser menina, então toda a vez que via um arco-íris no céu era tomada por um certo terror, passava correndo e logo depois tratava de conferir com suas mãos se ainda era menina.

Ela ia buscar o barro na beira do rio, e lá estava a cobra celeste bebendo água [...] às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer [...]dava uma aflição danada, sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava então as saias entre as pernas tampando o sexo, e num pulo com o coração aos saltos passava debaixo do ângoro. Depois se apalpava toda. (EVARISTO, 2017, pag. 13)

Depois de adulta, já na cidade, em um de seus devaneios, Ponciá

desejava ver a cobra celeste, queria passar por debaixo dela e virar homem, desejava profundamente, e isso pela situação de maus tratos e exclusão social que ela, por ser mulher, negra e estar na favela, passava. Seu companheiro, neste dia, quando chegou do trabalho cansado, com a roupa toda suja do trabalho na construção, depois de chamar a mulher que não respondia, deu-lhe um soco. Neste momento, Ponciá desejou ardentemente ter virado menino, mas, apenas levantou-se e foi preparar a comida ao marido.

O feminismo decolonial latino-americano se articula ao movimento das mulheres negras e não brancas na exigência de considerar a questão do racismo como central no eixo da opressão patriarcal-capitalista. Não se pode pensar em feminismo brasileiro ou latino-americano sem considerar toda essa herança colonial escravista.

Refletir sobre o feminismo decolonial latino-americano também é elaborar formas de combater um imaginário racista que considera inferior ao europeu tudo o que é originário das comunidades nativas e da cultura afro-brasileira.

Indicar estruturas de conscientização coletiva sobre a responsabilidade pela opressão negra e indígena e evidenciar a importância de políticas de reparação e de justiça se faz extremamente necessário. Além do que, mudar a visão com que os antepassados negros e indígenas são descritos na história, na literatura e atualmente, a partir do olhar do colonizador que os vê de forma deturpada: suas histórias, culturas, religiosidades são depreciadas, são vistos como preguiçosos ou criminosos, descritos como desprovidos de capacidade de resistência, criatividade e luta.

No trecho da obra de Ponciá Vicêncio, Evaristo mostra aquilo que está impregnado em nossa modernidade/colonial: “E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime”. (EVARISTO, 2009 p.102). Neste trecho, o comentário foi feito pelo delegado a Luandi, irmão de Ponciá, que tinha o sonho de ser soldado. Contextualizando o comentário do delegado e trazendo para a realidade, Gonzalez trata esse tipo de comentário citado na obra de Evaristo: “Racialmente perseguido no trabalho e sofrendo a sistemática repressão da polícia, que o prende como vadio, desemprego no caso do negro, é sinônimo de vadiagem e a tortura para confessar crimes que não praticou” (Gonzalez, 2020 p. 182).

Retomando os argumentos desenvolvidos pela socióloga norte-

americana Patricia Hill Collins, Lorena Freitas (2020) afirma a importância da autodefinição e da autovalorização das mulheres negras como forma de enfrentamento a essas imagens controladoras construídas pelos grupos dominantes, que desumanizam principalmente as mulheres negras. Ela fala sobre as especificidades na forma de discriminação de raça/gênero e da importância fundamental de “uma análise interseccional com vistas a compreender as conexões existentes entre raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade etc.”. Percebe-se que se não feita essa análise interseccional não se poderá entender “que as experiências de todos os indivíduos são formadas por intersecções entre múltiplos sistemas de dominação” (FREITAS, 2020, p. 213).

Freitas, ainda em relação à decolonialidade, cita a seguinte passagem do filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres: “a crítica decolonial ou a decolonialidade deve ser vista como uma luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos.” (MALDONADO-TORRES apud FREITAS 2020). Entender estes mecanismos para posteriormente lutar contra essa lógica da colonialidade e os hábitos de repetir os discursos que apagam toda a luta daqueles e daquelas que foram colonizados é um ato muito importante, pois, como afirma a autora, é preciso tomar todo cuidado para “não concentrarmos nosso olhar somente na violência desumanizadora que indefere, nas pessoas colonizadas, a possibilidade de compreensão e comunicação humana” (FREITAS, 2020, p. 216).

Assim, além de mostrar a lógica de desumanização que é produzida pelo sistema moderno/colonial, é absolutamente necessário mostrar que os sujeitos aos quais ela recai não são ausentados de sua subjetividade e que eles continuam constituídos pelas suas riquezas culturais, memórias, histórias. Afinal, “lutar contra a colonialidade é também lutar contra o hábito epistemológico, produzido por ela própria, de apagar a luta e a subjetividade das pessoas que resistem a ela” (FREITAS, 2020, p. 215).

Em Ponciá Vicêncio temos relatos extremamente ricos onde observa-se que a personagem carrega suas riquezas culturais no decorrer de toda a vida. Na descrição da menina que ela fora, Evaristo mostra como Ponciá buscava barro para a mãe no rio, que era utilizado para fazer panelas, bacias e imagens, e eram vendidas na cidade ajudando a complementar a renda da família. A arte que Ponciá herdara dos seus ancestrais na vida adulta tornou-se uma ferramenta que a ajudava a lidar com os problemas enfrentados por ela, problemas estes decorrentes da

desumanização e da exploração que ela e sua família viveram.

Luandi olhava os trabalhos da mãe e da irmã como se os visse pela primeira vez, embora se reconhecesse em cada um deles, observava as minúcias de tudo. Havia os objetos de uso: panelas, potes, bilhas, jarros e os de enfeite, em tamanho menor. (EVARISTO, 2019 p. 89)

Acima temos a descrição de quando Luandi, irmão de Ponciá visita uma exposição e encontra os trabalhos da mãe e da irmã, o reconhecimento à valoração da cultura dos seus é explícito. Todo esse valor e reconhecimento é também citado por Lugones quando a autora fala da resistência à colonialidade de gênero:

Não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento. Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista (LUGONES, 2014 p. 949)

A ideia de resistir juntos em comunidade tem um significado em relação aos vínculos afetivos, sejam eles familiares ou não, tradições e modos de fazer compartilhados, todos estes valores podem fortalecer a luta contra a desumanização.

Na cidade, a revolta que Ponciá sente por não ter notícias da mãe e do irmão tornam sua vida ainda mais difícil e ela se questiona se valera a pena ter comprado o quartinho na periferia, tanto sofrer e não poder ter os seus. Ela sentia que era escrava da condição de vida, sentia-se impossibilitada de lutar. Esse sentimento que Ponciá enfrenta, de escravidão mesmo livre, é um sentimento que carregam muitas mulheres negras que se sentem escravizadas pelo sistema, pelos patrões, pela sociedade racista e machista. Neste sentido, González fala sobre a intersecção entre raça e gênero, pois, para a autora esse conjunto não pode ser analisado separadamente, não se pode analisar sem considerar a classe social, a raça e a sexualidade.

Portanto, ao analisarmos a situação de Ponciá Vicêncio, todo esse conjunto citado contribui para a marginalização da personagem pela sociedade: sendo mulher negra não tem o privilégio ambíguo de ser considerada feminina, delicada, já que esta é uma categoria atribuída somente às mulheres brancas.

Ademais, Lugones nos traz a colonialidade de gênero como elemento

fundamental para a desumanização dos povos colonizados, e essa desumanização desvaloriza tudo o que esse povo possui, sua cultura, seus traços, religiosidade e crenças, são anulados e vistos com maus olhos. Tudo isso fez com que Ponciá passasse a não querer mais a sua própria vivência. “Ficava sempre olhando um outro lugar, de outras vivências, pouco se dava se fazia sol ou se chovia. Quem era ela? Não sabia se dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua autoausência”. (EVARISTO, 2017, pag. 78).

O reconhecimento que Ponciá e sua família não possuíam, a humanização tão necessária, que nunca tivera sem ser pelos seus, Conceição Evaristo retrata primorosamente. Já no final da obra literária, Conceição Evaristo faz com que Ponciá retorne as suas raízes, ela encontra a mãe e o irmão, volta para o rio, para o barro, e em uma narrativa cheia de significado, a personagem passa a representar todas as mulheres escravizadas, violentadas e desumanizadas. A sua resistência e o desejo de um outro destino representa essa vontade de seus antepassados que não tiveram tempo e oportunidade de vivenciar, mas que desejaram uma outra vida, essa representatividade fica clara no trecho abaixo:

Herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino[...] descobrira também que não bastava saber ler e escrever[...] era preciso ajudar construir a história dos seus. [...] A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser. (EVARISTO, 2017, pg. 110)

Neste trecho é evidente o encontro simbólico de Ponciá com seu povo, com seus ancestrais, talvez aqui ela tenha misturado em si mesma o antes-agora-depois para construir a sua identidade. Todos os acontecimentos de sua vida contribuíram para essa construção, ficando nítida a percepção que ela teve da necessidade de união de todos seus, oprimidos e colonizados, da importância da comunidade para a descolonização.

Nas últimas linhas do romance, a autora presenteia os leitores com a imagem do céu cor de arco-íris, colorido sob as águas do rio, enquanto Ponciá é trazida juntamente com todas as memórias significativas para ela desde a infância. Ao ler este trecho especificamente, percebemos a valoração das memórias de Ponciá, entendemos o quanto eram importantes e a conectavam com a sua identidade,

esclarecendo todos os momentos de auto ausência descritos na obra, afinal, na impossibilidade de estar fisicamente no seu lugar de origem, as memórias eram a única conexão que ela tinha. O arco-íris, que para ela carregava toda uma crença e simbologia já não a assusta mais. Ela que temia tanto quando criança virar menino, no decorrer de sua vida, em alguns momentos, desejara mais que tudo que essa mudança ocorresse, pois, queria ser homem para não sofrer com as inúmeras formas de violência que passou.

Esse fechamento, em minha interpretação, nos mostra que a personagem que tanto temia as durezas da vida já não se importa mais. A imagem de menina inocente que temia a cobra celeste se transforma na imagem de mulher adulta que enfrenta todos os obstáculos e assume a sua origem. Nesta cena final, Ponciá também é descrita como andando em círculos, e assim é observada pela mãe, pelo irmão e pelo marido. Esse momento remete ao fato de que a personagem, mesmo tendo ido em busca de uma vida melhor na cidade, jamais esqueceu sua origem, talvez ela nunca quisesse ter tido que deixá-la e esse conflito (de querer ter condições melhores de vida/não deixar suas origens) fez com que ela quisesse retornar para o barro, o rio, as lembranças do avô.

Contudo, ao mesmo tempo, parece dar a ideia de que ela precisa visitar alguns lugares na sua memória para entender alguns fatos e poder avançar, avançar atravessando as fronteiras da memória, do consciente e do inconsciente. Todos as situações dolorosas que a personagem sofreu na cidade e aqueles que foram repassados através de sua ascendência escravizada relatados na obra, geraram uma certa incapacidade na vida de Ponciá. A pesquisadora Susana Kaufman (1998) denomina essa incapacidade como trauma:

Os eventos traumáticos são aqueles que, devido à sua intensidade, geram no sujeito uma incapacidade de resposta provocando diversos distúrbios em seu funcionamento social. Como Kaufman aponta no momento do evento, por causa da intensidade e do impacto surpreendente, algo está desapegado do mundo simbólico, não está representado e, a partir daquele momento, não será mais experimentado como pertencente ao assunto, será estranho para ele. Será difícil ou impossível falar sobre o que tem sido sofrido, não será experiência e seus efeitos serão transferidos para outros espaços que o sujeito não pode controlar. A força do evento produz um colapso da compreensão, a instalação de um vazio ou buraco na capacidade de explicar o que aconteceu (Kaufman, 1998 p.7 tradução minha).

Diversos traumas foram sofridos por toda a ascendência de Ponciá, como pelo avô que, na época em que era escravizado, teve o juízo arruinado pela escravidão. Acabou matando a esposa e tentou suicídio cortando o braço que matou a companheira, mas não morreu, restou-lhe um cotoco. Esses traumas continuam repercutindo na vida da personagem, traumas que foram silenciados muitas vezes, e que se tornam coletivos, pois, sabe-se que tanto o período escravocrata quanto o pós-abolição foram períodos turbulentos para aqueles ex-escravizados que eram libertos, mas, não possuíam condições mínimas de sobrevivência, tendo, por isso, como única alternativa permanecer trabalhando para os seus ex-senhores.

No final do romance, Evaristo descreve Ponciá andando em círculos na estação de trem. Pensar que uma mulher está andando em círculos em uma estação de trem carrega uma simbologia muito grande, a estação de trem que tem por objetivo levar as pessoas a outros lugares, a outras fronteiras, e Ponciá é posta ali andando em círculos. Como se não soubesse como atravessar, como prosseguir. Enquanto está ali em movimentos circulares, a autora descreve que na memória/imaginação de Ponciá, ela está no rio andando em linha reta atravessando por debaixo da cobra celeste, e aqui pode-se ter a interpretação do desejo da personagem de seguir em frente, e a coragem de enfrentar seus temores.

Volto aqui a remeter o medo que ela tinha de transformar-se em menino ao atravessar o rio, mas, em sua imaginação ela atravessa, demonstrando que esse medo já não existe, existe sim uma vontade, talvez de não sofrer mais as inúmeras formas de violências e situações discriminatórias que ela enfrentou. Também se nota que a superação das barreiras da desigualdade não fora realizada com a mudança de espaço geográfico, para que essas barreiras fossem superadas seriam necessárias mudanças nas relações sociais do país, o que não acontecera e, apesar de ter buscado uma vida melhor na zona urbana, a cidade também foi um lugar onde Ponciá foi excluída.

#### **4 ANCESTRALIDADE E TRABALHO**

Na obra em análise, quando Nêngua Kainda, a mulher sábia da vila,

diz que Ponciá precisa encontrar sua herança, sua ancestralidade, de certa forma abre uma coletividade em relação à ancestralidade de todos os seus descendentes, de todos os povos afrodescendentes, e aqui, repito o que já foi dito no início deste trabalho, que a luta da personagem é pessoal e coletiva, pessoal pela busca dos seus, da sua identidade e coletiva por ser uma busca não só dela, mas, de todos da vila Vicêncio. De forma ainda mais abrangente, de todas as pessoas que tiveram sua diáspora africana.

Carla Akotirene (2021), em sua obra intitulada *Interseccionalidade*, nos traz o conceito de interseccionalidade, descolonizando as perspectivas da teoria que por vezes vê apenas a junção de sistemas de opressão. Para a autora, a interseccionalidade vai muito além de um conceito, torna-se uma ferramenta de luta política que nasce do cotidiano das lutas diárias e experiências trocadas por mulheres negras. Tem o objetivo de descolonizar perspectivas e adotar o Atlântico como lócus de opressões cruzadas, pois foi através do atlântico que o povo negro chegou à América. Mesmo muito tempo depois da travessia pelo Atlântico, a língua desse povo permaneceu amordaçada, proibida de ser proclamada, um verdadeiro sistema de opressão interligado.

Ainda, para a autora, o próprio pensamento feminista se deu mediante a construção a ferro e águas atlânticas e a interseccionalidade veio até nós como ferramenta ancestral. Akotirene cita o exemplo de uma mulher negra vendida em leilão aos nove anos de idade junto ao gado. Seu nome era Sojourner Truth, ela tornou-se pioneira do feminismo negro. Em seu discurso “Eu não sou uma mulher?”, de 1851, em Ohio, Sojourner denunciou: “ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, [...] eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida pra escravização”. Nestes fragmentos, a intelectual pioneiramente articula raça, classe e gênero questionando a categoria de mulher universal, mostrando que se a maternagem obrigatória revela um destino biológico para todas as mulheres, os filhos e filhas das africanas eram vendidos escravizados.

Na passagem do século XVI para o XVII, no Nordeste brasileiro, os senhores de engenho começaram a comprar africanos para substituir os indígenas no trabalho, isso porque, muitos indígenas morreram devido a doenças e maus-tratos, havia um grande interesse no tráfico de africanos pelo Atlântico.

O historiador Jose Reis em sua obra *Negociação e conflito* 1996, relata que o tráfico de escravizados africanos durou mais de 300 anos e envolveu

europeus de várias nações, africanos (chefes, reis e negociantes) e, mais tarde, mercadores do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco. Estes mercadores acumularam fortunas com o tráfico. Segundo especialistas, o número de africanos trazidos da África para a América pelo tráfico atlântico foi de 10.565.217 africanos. Desses, 4.860.000 foram destinados ao Brasil. A maioria entrou pelos portos da Bahia e se concentrou no Nordeste. Enquanto durou o tráfico, a cidade do Rio de Janeiro foi o maior porto de escravizados da América.

Outro fato, segundo Reis, era que no Brasil os escravizados não eram chamados pelo seu nome de sua etnia, mas sim, pelo nome do porto por onde tinham embarcado: era como um batismo, perdiam seu nome original e passavam a ter um nome em português. Para certos povos africanos isso era o mais doloroso, pois em alguns lugares da África o nome dado a uma pessoa tem um significado especial, o nome português dado no batismo devia ajudar a apagar da memória do africano todo seu passado: sua família, amigos, sua língua e lugar de origem.

Nas fortalezas do litoral africano, homens, mulheres e crianças eram forçadas a embarcar em navios, a viagem durava entre 30 e 45 dias, as condições de viagem eram péssimas, a comida era pouca e de má qualidade; onde cabiam 100 pessoas iam 300 e muitos morriam durante a travessia. Os africanos chegavam ao litoral brasileiros confusos, cansados e sem saber onde estavam. Nos mercados eram examinados, avaliados e comprados. Um homem adulto valia o dobro de uma mulher e, geralmente, três vezes mais do que uma criança ou idoso. Ainda, para o autor, a jornada de trabalho era em média de doze a quinze horas por dia, começavam entre 4 e 5 horas da manhã e iam até o anoitecer. Os homens trabalhavam como agricultores, carpinteiros, pescadores, carregador e em várias outras funções. A mulher também cultivava a terra, cuidava dos doentes, colhia e moía a cana, lavava, passava, cozinhava, fazia partos, era ama de leite vendia doces e salgados. Muitas eram abusadas sexualmente pelos seus senhores, engravidavam e criavam filhos dos patrões.

Os africanos aqui desembarcaram e trouxeram consigo não só a força de trabalho, mas também suas culturas, que marcaram profundamente nossa forma de pensar e agir. Não era permitido que os escravos manifestassem sua cultura, religiosidade, quando isso acontecia duros castigos eram aplicados: a palmatória, a gargalheira e a máscara de flandres - que era feita de zinco - permitia a pessoa enxergar e respirar, mas a impedia de se alimentar, além dos açoites que também

eram uma forma de castigo.

A escravidão é uma instituição muito antiga, existiu em várias partes do mundo, mas, onde houve escravidão houve resistência. No Brasil, o excesso de trabalho, a disciplina rigorosa, os castigos, tudo isso provocou diferentes formas de resistência entre os escravizados. Eles e elas resistiam praticando suas religiões, jogando capoeira, promovendo festejos como o congado e o risado. Resistiram também desobedecendo, fazendo “corpo mole” no trabalho, quebrando ferramentas, incendiando plantações, suicidando-se, agredindo feitores e senhores, negociando melhores condições de trabalho, fugindo sozinhos ou com companheiros e formando quilombos.

O maior e mais duradouro de todos os quilombos foi o dos Palmares. Teve início em 1597, quando cerca de 40 escravizados fugiram de um engenho do litoral nordestino e se refugiaram na serra da barriga, uma região montanhosa situada no atual estado de Alagoas. Como no lugar havia grande quantidade de palmeiras, chamou-se Palmares. Palmares cresceu rapidamente e, segundo Reis, chegou a ter cerca de quinze mil habitantes. Os africanos e seus descendentes eram maioria, mas em Palmares havia também brancos pobres e indígenas expulsos de suas terras pelos colonos.

Palmares se tornou uma ameaça à ordem escravista, expedições eram enviadas para destruí-lo, mas sem sucesso. As autoridades decidiram então contratar um exército para destruir Palmares, depois de vários ataques canhões invadiram e incendiaram a capital palmariana. Ferido em combate, Zumbi dos Palmares, um jovem que vinha se destacando nas guerras, conseguiu escapar e resistir por vários meses, mas depois foi pego e morto em 20 de novembro de 1695. Em 20 de novembro de 1978, a comunidade negra brasileira transformou o dia em dia nacional da Consciência Negra, um dia para refletir com profundidade sobre o racismo no Brasil.

No Brasil de hoje existem povoações que são habitadas pelos descendentes dos antigos quilombolas. Espalhadas por todo território nacional essas comunidades são chamadas de remanescentes de quilombos. A constituição de 1988 reconhece a propriedade definitiva das terras ocupadas por comunidades quilombolas. O artigo 68 da constituição federal diz: “Aos remanescentes das comunidades quilombolas que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”

(BRASIL1988).

Mas, conseguir documentar as terras não tem sido tarefa fácil. Além da demora do processo há o fato de essas terras serem cobiçadas por muitos fazendeiros e por vezes são localizadas em local de mananciais e de extração mineral. Muitos habitantes das atuais comunidades quilombolas vêm travando uma luta árdua para reunir provas de que são descendentes de escravizados e de que as terras que vivem lhes pertencem.

A personagem do romance de Evaristo, Ponciá vive nas terras do Coronel Vicêncio da mesma forma que muitas outras e outros descendentes do povo negro escravizado no Brasil, vivem nas terras dos descendentes dos antigos senhores escravocratas. Seus ancestrais trabalharam nela, sua família trabalha nelas, mas essas terras não lhes pertencem, e isso é consequência das injustiças sociais históricas herdadas da escravidão. Uma herança acumulada dentre tantas que os povos que são descendentes de escravocratas (esses herdam os privilégios) e descendentes de escravizados acumularam (esses herdam as discriminações produzidas pelo racismo). Cida Bento, em sua obra *O Pacto da branquitude* (2022), relata que essa herança se reflete na vida concreta e na vida simbólica das gerações contemporâneas.

Ainda, para a autora, sempre se fala sobre a herança da escravidão e seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas, a questão da propriedade de terra, das terras dos povos remanescentes das comunidades quilombolas é um dos impactos positivos para as pessoas brancas, especialmente aos grandes latifundiários e fazendeiros que possuem grande interesse nestas terras.

Assim, pode-se entender que durante o processo de colonização se constituiu a branquitude, os europeus criaram uma identidade comum que usou os africanos negros como principal contraste. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e dissimulassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão.

Em relação a isso, Lugones traz a definição de identidade geocultural e social que faz parte também da colonialidade do gênero:

Ao produzir essa classificação social, a colonialidade permeia todos os aspectos da vida social e permite o surgimento de novas identidades geoculturais e sociais. “América” e “Europa” estão entre essas novas identidades geoculturais; “europeu”, “índio”, “africano” estão entre as identidades “raciais”. Essa classificação é “a expressão mais profunda e duradoura da dominação colonial”. Com a expansão do colonialismo europeu, a classificação foi imposta à população do mundo. Desde então, tem atravessado todas e cada uma das áreas da vida social, tornando-se, assim, a forma mais efetiva de dominação social. (LUGONES, 2020, p. 15).

Para Bento, a colonização europeia movimentou 18 milhões de africanos escravizados pelo mundo, antes disso a África e a Ásia eram regiões relativamente ricas e produtivas, enquanto a Europa era economicamente pouco importante. A colonização resultou na reversão da situação tornando a Europa economicamente rica e a África e a Ásia tornaram-se locais com problemas crônicos de pobreza. E essa reversão não se deu apenas pela extração dos recursos dessa região, mas, também da destruição de estruturas econômicas e sociais tradicionais.

Um escravizado trabalhando na plantação das colônias chegava a ser até 130 vezes mais lucrativo para a Inglaterra do que um inglês trabalhando no próprio país. Todas as classes europeias se beneficiaram com esse colonialismo, até as mais pobres tiveram uma elevação no padrão de vida, o que corroborou com a perspectiva de raça e classe desenvolvida por W.E.B. Du Bois William Edward Burghardt (1935) nos estudos sobre branquitude. À medida que a Europa foi se expandindo pelo mundo e os europeus foram acessando e se apropriando dos recursos materiais e simbólicos dos “outros”, a narrativa da branquitude foi sendo construída.

A violência contra a população negra e indígena foi marcada com brutalidade, eram vistos como ameaça aos interesses dos europeus, e hoje essa violência objetiva e subjetiva é explícita no Brasil, os povos racializados são muitas vezes vistos como inimigos pelo próprio Estado e é fundamental o reconhecimento e o debate sobre essa herança por parte dos brancos.

A percepção da existência do outro como um atentado contra a minha vida, como ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria o potencial para minha vida e segurança[...] é um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade. (MBEMBE, 2016 p.128)

Em sua tese de doutorado, Cida Bento descreve algumas situações

em que o negro é visto na habitual e repetitiva associação da situação socioeconômica desfavorecida do negro na atualidade com o legado da escravidão. Tudo se aplica por uma herança que os negros carregariam em sua “natureza”. Uma das entrevistadas da sua pesquisa, uma psicóloga organizacional branca, confirma isso, ao relatar que quando vai à praia em Salvador e pede para uma pessoa, um homem negro, que está lá sem fazer nada para pegar um coco. “O cara não vai, está com preguiça. Nem sendo pago para isso, sabe? Isso vem desde a escravatura, sabe?” (BENTO, 2022 P.31). É interessante observar este discurso e perceber a manifestação de um legado de sinhazinha que, mesmo deleitando-se na praia, não pode providenciar, ela mesma, uma água de coco, tendo que se valer do serviço de um negro.

Esse estigma do negro preguiçoso é uma forma de preconceito herdado da escravidão. Segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) de 2019, a população negra trabalha duas horas a mais por dia do que a branca, em qualquer parte do Brasil, além de ganhar menos em comparação a não negros, sendo as mulheres negras as mais afetadas, visto que trabalham quase o dobro do tempo para obter o salário de um homem branco.

Essa realidade é a continuidade de seu lugar histórico de trabalho no país no qual o escravizado é o motor da economia da metrópole e da colônia, produzindo riquezas e consolidando a classe dominante brasileira. O tráfico de negros foi o negócio mais importante na metade do século XIX e foi a escravidão que proporcionou o desenvolvimento do capitalismo industrial nas metrópoles.

No entanto como percebe-se na obra aqui em análise, Ponciá Vicêncio, a não indenização da população escravizada após o fim da escravidão é um traço marcante, deixando esses indivíduos escravizados e seus descendentes na pobreza, tendo que migrarem para os grandes centros em busca de oportunidades que nunca eram alcançadas, tendo de se humilhar pedindo favores e esmolas, como é o caso da personagem, até encontrar um trabalho onde permaneceria sendo explorada. Esse tema atravessa narrativas e ações do movimento negro.

Bento relata que em 2001, a Conferência mundial contra o racismo, discriminação Racial e Xenofobia reconheceu a escravidão como crime contra a humanidade, a partir disso, pedidos de reparação ganharam mais força. Contudo em nosso país existiram leis que beneficiaram os proprietários de escravizados, como por exemplo a lei do ventre livre (1871), que libertava os filhos das mulheres escravizadas, mas colocava-os sob custódia do senhor, que deveria receber uma indenização do

estado quando a criança completasse oito anos, ou poderia exigir compensação da própria criança, forçando-o a trabalhar até 21 anos. Para Daniel Teixeira (2021), essa foi uma medida que institucionalizou o trabalho infantil, protegeu e fortaleceu somente os interesses dos senhores e donos dos escravos.

Outro exemplo foi o estímulo à imigração branca para o Brasil, onde a população não poderia ser asiática nem africana, como demonstrou o decreto da imigração de 1890.

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indígenas da Asia, ou da África que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas. (BRASIL 1890 P.1424)

Esse decreto feito dois anos após a abolição da escravatura, permite conhecer a forma como eram tratados os imigrantes vindos da África e da Ásia e indígenas. O estado brasileiro pagou as passagens para os europeus e determinou que nos primeiros seis meses ficariam sob sua proteção.

Podemos observar também essa questão na Lei de terras que influenciou fortemente a propriedade fundiária e o povoamento do país que fez com que a obtenção de lotes passasse a ser feita por meio de compra e venda e não mais por posse, dificultando a posse e acesso a pequenas propriedades rurais e ao mesmo tempo estimulando a expansão dos latifúndios em todo o país, impedindo a democratização do solo. A monocultura para a exportação e a escravidão, articulada com a forma de ocupação das terras brasileiras pelos portugueses, definiram as raízes da desigualdade social e perduram até os dias de hoje.

Em um trecho da obra de Ponciá Vicêncio, a autora descreve essa relação de posse que o poderio do senhor Vicêncio tinha sobre a família de Ponciá e seus ancestrais, nem mesmo o sobrenome lhes pertencia, pois, era herança de seu proprietário, o coronel Vicêncio.

[...] era tão doloroso quando grafava o acento era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encerrar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca

daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens[...] (EVARISTO, 2017 P.26-27)

Quando Ponciá decide deixar o povoado as questões que lhe incomodavam eram justamente aquelas ligadas às relações históricas de trabalho na terra de sua família e das demais famílias negras com os brancos proprietários da vila Vicêncio. É visível a sua descrição do cansaço com a forma que se organizavam as relações desiguais de trabalho e de propriedade, de ir às terras dos brancos trabalhar com a mãe e voltar de mãos vazias, de ver as terras dos negros cobertas de plantações que eram plantadas pelas mulheres e crianças, pois, os homens tinham que trabalhar nas terras dos brancos, e depois a maior parte da colheita ser entregue aos senhores. Cansada da luta insana e sem glória a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias às custas do seu trabalho.

Existe uma edição da obra Ponciá Vicêncio, cuja capa apresenta uma mulher que subentende ser Ponciá, e um jarro de barro:



Capa editora Maza: <https://www.catalivros.com.br/comprar/poncia-vicencio/literatura/1606>

Observando da parte inferior para a superior, é possível ver primeiramente o barro que parece estar sendo moldado nas mãos de uma figura feminina; ele (o barro) segue até a altura do queixo da mulher, seguido pela boca,

nariz, parte dos olhos e cabelos que parecem ondulados ou encaracolados e descem até a altura onde a mão inicia.

A mulher e o barro possuem a mesma cor, o mesmo tom, a mulher olha para frente ereta, como se estivesse enxergando algo, o fundo por detrás da mulher também tem o mesmo marrom do barro. Essa fusão da mesma cor do humano (mulher) e o barro (objeto) nos remete à terra, ao significado da palavra humano que vem de humus que também é terra. Terra e humana, um só.

Nessa reflexão de fusão, podemos refletir sobre as relações traumáticas da personagem. Elizabeth Jelin, na obra *Los trabajos de la memoria* (2002), define o trauma relacionado às memórias:

Os eventos traumáticos são aqueles que, devido à sua intensidade, geram no sujeito uma incapacidade de resposta, provocando diversos distúrbios em seu funcionamento social. Como Kaufman aponta, no momento do evento, por causa da intensidade e do impacto surpreendente algo está desapegado do mundo simbólico, não está representado e, a partir daquele momento, não será mais experimentado como pertencente ao assunto, será estranho para ele. Será difícil ou impossível falar sobre o que tem sido sofrido, e seus efeitos serão transferidos para outros espaços que o sujeito não pode controlar. A força do evento produz um colapso da compreensão, a instalação de um vazio ou buraco na capacidade de explicar o que aconteceu (Kaufman, 1998: 7 apud Jelin, 2002 p.81 tradução minha).

Os diversos traumas sofridos por toda a descendência de Ponciá, pelo avô, depois a mãe e pela própria Ponciá continuam repercutindo na vida da personagem, traumas que foram silenciados, e que se tornam coletivos pois, apesar da particularidade familiar sabe-se que tanto no período escravocrata quanto o pós-abolição foram períodos turbulentos para aqueles que eram libertos, mas, não possuíam condições mínimas de sobrevivência, tendo como única alternativa permanecer trabalhando para seus senhores.

Ponciá carregava em sua cultura o manuseio do barro, que fora herdado de sua mãe, a cultura de apanhar o barro no rio, o melhor barro e depois moldar com as mãos peças, panelas, vasos, que posteriormente eram vendidos. Todas essas ações não eram apenas uma forma de garantir sustento, mas também uma forma cultural de cultivar um aprendizado deixado de seus ancestrais. O barro fazia parte de Ponciá, tanto que quando estava na cidade no meio de seus devaneios, olhava para as mãos e via o barro vermelho sobre elas, ele não estava ali literalmente,

mas pulsava através das lembranças de um tempo:

[...] levantou com uma coceira insistente entre os dedos das mãos. Coçou tanto até sangrar. Cuidou dos afazeres da casa da patroa, mas a toda hora interrompia o trabalho e levava as mãos debaixo d'água para ver se aliviava o incômodo[...] correu lá no fundo da casa, no seu quarto de empregada, e tirou o homem-barro de dentro da trouxa. Cheirou o trabalho, era o mesmo odor da mão[...]ela beijou respeitosamente a estátua sentindo uma palpável saudade do barro. Ficou por uns instantes trabalhando na massa imaginária nas mãos. (EVARISTO p.64/65 2019)

O homem-barro, que era a estátua de seu avô, naquele instante se tornou a única lembrança física que Ponciá possuía, esse gesto de beijar a estátua, um ato de carinho com sua ancestralidade, com a figura do avô e também do barro, demonstra que o barro em suas mãos relembra toda a parte cultural de sua vida, que não era apenas uma forma de garantir o sustento, mas que pulsava dentro de Ponciá. Sentia o cheiro da estátua do avô, o mesmo cheiro nas mãos, como uma identidade construída, uma identificação com o barro, como se ela fosse o próprio barro, ou ele estaria saindo dela.

Em outra passagem, quando o irmão visita um museu e encontra uma caneca feita de barro pela mãe e a irmã, mas que continha a identificação de propriedade de um descendente do coronel Vicêncio, ele é tomado por um sentimento amargo resultante da constatação de que até mesmo algo que era próprio da cultura de sua família não lhes pertencia. “Autores: Maria Vicêncio e filha Ponciá Vicêncio Região: Vila Vicêncio Proprietário: Dr: Aristeu Pena Forte Soares Vicêncio.” (EVARISTO p.89 2019)

Grada Kilomba (2021) em sua obra Memórias da plantação, traz importantes reflexões de episódios de racismo na sociedade atual, para ela, o racismo acontece simultaneamente com três características:

A primeira é a construção da diferença. A pessoa é vista como “diferente” devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa. Aqui, temos de perguntar: Quem é diferente de quem? É o sujeito negro diferente do sujeito branco ou o contrário? [...] A segunda característica é: Essas diferenças construídas estão inesperadamente ligadas a valores hierárquicos. [...]Por fim ambos os processos são acompanhados pelo

poder: histórico político, social e econômico. É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. (KILOMBA, 2021 p.75)

Essas três características citadas pela autora fazem com que pensemos de que forma elas se estabeleceram e se validaram através do tempo e a única resposta que vem em mente é a colonização, afinal, de que outra forma poderia se chegar a essas infelizes constatações de superioridade branca, nessa lógica de pensamento, todo aquele que se difere disso é discriminado. A lógica do poder também entra em discussão, afinal a hierarquia em torno do poder do homem branco sempre predominou socialmente, o status, os bens materiais, tudo isso somatizou o racismo no nosso país, pois eles colonizaram, escravizaram e roubaram territórios e como por consequência dominaram/dominam aqueles que não fazem parte dos seus grupos, pode-se dizer que esses fatores são como que ingredientes que misturados resultam no racismo.

João Vargas (2020) ao trazer o termo antinegitude relata sobre as implicações políticas e sociais de se adotar a antinegitude como categoria analítica já que a antinegitude questiona a própria noção de Humanidade e sua dependência na exclusão daquelas consideradas não pessoas. Isso implica em uma análise que vai além da discriminação racial e questiona as estruturas de poder e gerenciamento atuais, como escolas, hospitais, polícia, cortes e Estado, que podem estar atualizando a antinegitude..

Finalmente, a antinegitude é a atmosfera que nos envolve, o ar que respiramos. A antinegitude faz com que o nascimento da pessoa negra seja o início da morte social; a morte física prematura define sua não existência. Enquanto nos restringirmos a essa noção corrente de Humanidade, à qual correspondem normas sociais e arranjos institucionais, estaremos operando sob os efeitos da antinegitude. Trata-se de reinventar nossa Humanidade. (VARGAS, 2020, p.23)

Ademais, a antinegitude sugere a necessidade de reinventar nossa Humanidade e buscar alternativas ideológicas e políticas ao ódio às pessoas negras que move as sociedades contemporâneas

Para Kilomba o racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, insinuações que colocam a sujeito negro como outro, neste caso medido e personificado nas repressões da sociedade branca. Toda vez que uma pessoa negra é colocada no papel de outro, ou seja, que não é igual ao branco, passa a ser medida como um outro indesejado, intruso, violento, selvagem. Tantos são os outros substantivos utilizados que são a pura personificação daquilo que o sujeito branco não quer ser reconhecido.

O sujeito negro acaba se tornando a projeção daquilo que o sujeito branco tornou *tabu*. Para Kilomba, a pessoa negra tornou-se um depósito para projeções de medos e fantasias brancas do domínio da agressão e da sexualidade. É por isso que para a sociedade, muitas vezes a pessoa negra em um instante é intimidante e, em outro, desejável, é comum características que se contradizem devido aos pré-julgamentos e adjetivos projetados ao sujeito negro. Muitas vezes, inclusive, alguns aspectos projetados a eles são repressões dos sujeitos brancos, como por exemplo, a agressão e a sexualidade, assim sendo o sujeito branco acaba escapando da sua historicidade de opressão e se constrói como ser civilizado enquanto o outro como agressivo e selvagem.

Ainda de acordo com a autora, a branquitude constrói a Negritude como uma forma de alteridade através de um processo de negação absoluta. O "Outro" não é outro por ser, mas, torna-se tal através desse processo de negação. A Negritude serve como forma primária de alteridade pela qual a branquitude é construída. A identidade branca é dependente da exploração do "Outro", uma identidade relacional construída por brancos(as), definindo-os(as) como racialmente superiores dos "Outros".

Fantasias brancas sobre o que a Negritude deveria ser são projetadas em sujeitos negros como se fossem retratos autoritários e objetivos deles mesmos(as). Portanto, a construção da Negritude como alteridade é uma forma de manter a branquitude como identidade dominante e de silenciar a voz e a expressão dos sujeitos negros.

Portanto, o racismo cotidiano não é um ataque único, mas, um conjunto de situações e experiências vividas quase que diariamente pelo sujeito negro. A mulher negra, além do racismo cotidiano, sofre por ser mulher, uma exposição que se

torna constante ao perigo, um padrão de violência contínuo. Racismo e sexismo se entrelaçam e se tornam inseparáveis. Tantos outros percorreram e percorrem ainda o mesmo caminho de Ponciá, contudo, a omissão destes fatos da historiografia oficial faz com que uma imagem de resistência não seja passada e assim o reconhecimento do protagonismo da população negra passe batido pela história nacional. Essa omissão da resistência negra e indígena nos mostra que precisamos entender sobre memória coletiva e também sobre amnésia coletiva, termo este proposto por Charles W. Mills (2007) em sua obra *Ignorância branca*. Nela, o autor salienta que o óbvio precisa ser lembrado, já que interesses podem moldar a cognição. As sociedades escolhem o que querem lembrar e o que querem esquecer, neste caso a ignorância moral que implica julgamentos incorretos está incluída nessa abordagem.

Essa amnésia ignora coletivos da população negra por todo o país. Cida Bento relata que há cerca de duzentas organizações negras espalhadas pelo Brasil, um exemplo da ação coletiva de combate ao racismo. Grupos de jovens, professores, intelectuais e artistas trabalham com o conceito de quilombo como território da memória e precisam ser apoiados por políticas públicas.

Igualmente, movimentos sociais de mulheres negras quilombolas e indígenas buscam discutir e desestabilizar as questões de colonialidade, construindo novas perspectivas. Procuram protagonizar ações políticas contra o sistema racista branco colonial, contra o preconceito de raça e contra o liberalismo meritocrático. Esses movimentos femininos possuem um expressivo trabalho em relação à memória.

Em sua dissertação de mestrado, Bento cita Sueli, uma trabalhadora doméstica que se estabeleceu após liderança sindical. Sueli afirma que sua luta é pela bisavó, que morreu no tronco de hemorragia no útero após o espancamento. Sua história reporta a violência que os escravizados eram submetidos e se torna uma herança na vida de Sueli. Tempos depois, a autora reencontra Sueli, descobrindo que essa última estava hospitalizada com câncer de útero que a levou à morte precoce pouco tempo depois. Bento cita como a herança de Sueli e de sua bisavó, a doença no útero, assim como, o trabalho de doméstica que é um espaço social que remete à fonte da escravidão.

A herança citada acima da trabalhadora doméstica Sueli se assemelha com a herança da personagem Ponciá, que na obra é descrita como herdeira da loucura do avô por seu andar ser semelhante ao dele, apesar de mal tê-

lo conhecido. Heranças simbólicas que significam muito no território da memória. Ponciá, também foi doméstica, trabalhou servindo, não servia mais o coronel Vicêncio e sua família como seus antepassados, mas servia outros, era como se apenas tivesse mudado de território e sua herança de servidão permanecido. Também possuía a herança de sua mãe de lidar com o barro, mas este serviço ninguém queria ali na cidade onde estava agora.

Segundo dados coletados em 2019 pelo IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o universo das trabalhadoras domésticas é o que mais concentra mulheres negras no Brasil. Categoria que comporta não só mensalistas e diaristas, mas também babás, cuidadores, motoristas, jardineiros, cujo perfil é de baixa escolaridade e renda. Esses trabalhos são fundamentais para que a sociedade funcione, mas são considerados trabalhos inferiores e por isso são mal pagos

É importante salientar que mulheres negras no lugar social de domésticas sofrem com o racismo dos próprios empregadores que ainda às vezes as veem como objetos, exigindo, por vezes, que fiquem confinadas, sem ter direito sequer a adoecer. Já mencionei anteriormente o caso de uma mulher negra de 49 anos surda, que passou mais de 30 anos como escrava na casa de um desembargador de Santa Catarina. Segundo uma ex-funcionária da casa, ela era tratada como “escravinha”, foi morar na casa do desembargador com 12/13 anos e logo começou a viver situações de escravidão moderna, privada do direito de se comunicar, nunca aprendeu Libras, a linguagem brasileira de sinais.

Lélia Gonzalez, ao citar a opressão da mulher negra latino-americana, diz que a generalização esconde muitas vezes a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito caro por não serem brancas.

Djamila Ribeiro (2017) destaca a necessidade de construir um lugar de fala para essas mulheres que foram restritas a espaços sociais desvalorizados; para a autora, fazer a quebra do silêncio instituído é uma demanda política crescente.

## **5 Considerações finais/ o que fazer com tudo isso**

É uma tarefa difícil descrever nestas folhas todo conhecimento e crescimento tido durante o processo do mestrado. Desde a escolha das disciplinas até realmente decidir sobre o que escrever. O fato é que para cada um o processo ocorre de uma maneira, e aqui me refiro ao processo no decorrer do curso. O processo pode mudar nossa forma de ver o mundo. Cada disciplina nos faz questionar aquilo que já está impregnado em nós como conhecimento, e muitas vezes torna-se doloroso desfazer aquilo que estava a muito tempo ali. Cursar o mestrado remotamente, em uma época pandêmica, onde tínhamos medo de morrer e perder quem mais amávamos, ao mesmo tempo que éramos chamados de loucos por aqueles que consideravam um exagero ter medo da covid-19, fez com que inúmeros sentimentos surgissem e o desejo por conhecimento nascesse como uma emergência em meio ao caos.

Construir conhecimento em tempos tão difíceis foi desafiador, mas, ao mesmo tempo, me fez ansiar cada vez mais por informação. Assimilar toda a ciência dos professores e dos colegas me desprendeceu. Contudo, a necessidade de trabalhar mais de 40 horas semanais me mostrou a face difícil de estudar. Ao mesmo tempo que me sentia privilegiada por estar em uma Universidade Pública e não precisar pagar pelos estudos, me sentia culpada e, às vezes, desfavorecida por não conseguir dedicar mais horas aos estudos. Foram muitas as noites, durante todo o processo, em que eu sentia a certeza de que não daria tempo, mas em nenhuma destas noites cogitei desistir.

Ser professora de escola pública no Brasil não é uma tarefa fácil, mas foi a profissão que escolhi desde muito pequena, e o mestrado foi a continuação desse sonho. Desistir dele seria desistir de parte de um objetivo, seria dizer para a menina que escrevia à carvão nas paredes do porão e dava aula de produção textual para as galinhas, que ela teria que desistir, e eu com certeza não tinha coragem de fazer isso.

Olhar para a pesquisa e para as minhas limitações com humanidade me permitiu continuar. Muitas foram as barreiras e fronteiras simbólicas atravessadas durante os últimos anos. Olhar para a literatura feminina-negra me fez entender todo o processo de colonização que ainda não estava claro na minha mente. E finalmente entendi por que eu procurava tantos livros escritos por mulheres quando era criança. Eu queria me sentir representada, afinal se elas podiam escrever eu também poderia. Essa constatação brilhou em minha mente em uma sexta-feira chuvosa, enquanto observava duas alunas negras de 13 anos na aula de leitura, uma delas me mostrou

a contracapa do livro que estava lendo e disse: professora essa mulher parece com você! Eu sorri para ela concordando, a mulher (autora do livro) era branca de cabelos claros e olhos verdes. Mas ao mesmo tempo que sorri, senti uma tristeza enorme ao me dar conta que a minha aluna não encontraria nenhum livro escrito por uma mulher negra naquela biblioteca, ela jamais se sentiria representada ali naquele ambiente. Naquele instante toda a teoria que eu estava estudando para a dissertação passou em minha mente, e então me perguntei em silêncio, o que você vai fazer com isso? Foi assim que surgiu o projeto, REPRESENTATIVIDADE.

Este projeto, depois de idealizado e escrito por mim, foi apresentado direção da escola e à equipe pedagógica para a aprovação, posteriormente foi feita uma pesquisa sobre obras infanto-juvenis escritas por mulheres negras que pudessem ser trabalhadas em sala de aula com diferentes níveis de abordagens para a diversidade de idade dos alunos.

Em seguida, foi feita a explicação e objetivos do projeto para os/as estudantes. Para estes a contextualização foi feita em forma de conversa, os alunos que participaram foram as turmas que ministrou aula de redação e leitura, 7 anos B e C, 9 ano C, 2º ano da formação docente e duas turmas da EJA (Ensino de jovens e adultos) totalizando 132 alunos participantes.

Para os/as estudantes do 2º ano da formação docente e para as duas turmas da EJA, a temática do feminismo negro foi abordada através do livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) de Conceição Evaristo: em duplas os/as alunos/as escolheram um conto do livro e depois da leitura compartilharam suas percepções com os/as colegas. Também pesquisaram sobre autoras negras e produziram cartazes.

Já com os/as estudantes dos 7º anos, que tem em média 12 e 13 anos, a obra escolhida para contextualização foi *Sulwe* da autora queniana Lupyta Nyong'o (2021). Esta obra conta a história de uma menina que tinha a pele mais escura que todos de sua família e de sua escola. Ela sofria racismo por isso. Especificamente escolhi essa obra por ter o ambiente escolar como cenário, facilitando assim a comparação com o ambiente dos adolescentes e a possibilidade de fazer possíveis "ligações" do real e o fictício na obra.

Depois do engajamento dos/as estudantes e da compreensão da necessidade da presença de obras escritas por mulheres na biblioteca da escola, um vídeo foi elaborado pelas alunas do 2º ano e disponibilizado nas redes sociais da escola e da rádio da cidade a fim de alavancar a campanha e explicar porque a estávamos fazendo. O vídeo pode ser visualizado neste link: [https://drive.google.com/file/d/1dTipe5IQHgF9I17O--XqU4gbR7yB\\_Ax/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1dTipe5IQHgF9I17O--XqU4gbR7yB_Ax/view?usp=sharing)

Após a mobilização da comunidade escolar, também realizei o pedido da doação de livros de autoria feminina negra aos vereadores da cidade, que me receberam de forma cordial e se comprometeram em doar exemplares.

Percebi que a maioria das pessoas as quais pedia a doação dos livros não sabia da existência do movimento feminista negro, e por muitas vezes fui indagada a explicar porque os livros precisavam ser de autoras negras, o que me levava a justificativa inicial desde trabalho. Em muitas pessoas notei o desinteresse pela justificativa, ouvi algumas frases como: “mas livros não são sempre livros independente de quem escreve?”, “isso de escolher só livros escritos por mulheres negras não vai gerar racismo?” “mas tem racismo na biblioteca?”. Confesso que algumas vezes senti que não teria paciência para responder, mas isso me motivava ainda mais porque lembrava para quem eram os livros, lembrava também que não ouvi nenhuma dessas perguntas ou comentários dos meus alunos, os comentários vinham de adultos, a maioria com ensino superior e em cargos públicos. Isso me levou a pensar o quão necessário era que esses livros chegassem ao seu destino, até a biblioteca, para que essas crianças tenham uma formação que talvez os adultos não tiveram. Estas indagações comprovam o quanto o racismo estrutural está imerso em nosso país, mesmo que haja até quem acredite que ele não existe, ou chegue ao absurdo de achar que pode existir um racismo reverso (racismo contra pessoas brancas).

Tenho consciência de que arrecadar livros para uma biblioteca de escola de uma cidade do interior não é quase nada, quem me dera poder fazer isso em uma escala maior, levar Conceição Evaristo a outros cantos do estado, quem sabe um sonho para um futuro trabalho de doutorado. Mas até lá me contento se uma criança, uma jovem negra sentir-se representada, ao ler um destes livros. Me contento se uma criança branca passar, através destes livros, a ter criticidade, compreender o que é o racismo, quais seus efeitos e se posicionar contra ele.

Na feira do livro que aconteceu nos dias 17 e 18 de novembro de 2023 na escola, aconteceu a exposição das obras doadas e do trabalho realizado pelos alunos em sala de aula. Através das pesquisadoras como: Conceição Evaristo, Angela Davis, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro e outras autoras negras escolhidas pelas alunas e alunos, como resultado a discussão de gênero se consolidou, a quebra de preconceitos com a literatura não-canônica, produção textual criativa como fruto da leitura de contos da autora Conceição Evaristo, debates em sala de aula e formação do leitor e da leitora.

Durante os debates e a leitura dos contos do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, muitas alunas relataram a semelhança dos fatos nos contos com a vida de alguma mulher negra que conheciam, de parentes suas, tias ou vizinhas, e nas palavras de uma delas: “É triste ler esse conto, professora, mas ao mesmo tempo faz com que não nos sintamos sozinhas, que existem mulheres que estão lutando contra o racismo e que mesmo sem saberem estão nos encorajando a lutar também”. (adolescente de 16 anos). Enquanto a sociedade cria padrões para eleger leitura e escrita adequadas, a literatura feminina negra rompe com as normas racistas e sexistas e vai além, ao girar saberes e multiplicar sentidos.

Por fim, o ensino da literatura na Educação Básica não pode permanecer preso somente aos livros didáticos, e as obras literárias àqueles exemplares enviados para a escola através do governo estadual. Segundo uma pesquisa realizada pelo instituto de referência negra Peregum<sup>4</sup> (2023) o ambiente escolar é o lugar onde os brasileiros afirmam ter sofrido mais violência racial, essa estatística reafirma a necessidade de se trabalhar de maneira decolonial em nossas escolas. A lei 10.639, de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura Afro-Brasileira não vem sendo cumprida em sua totalidade. Uma pesquisa também de 2023, feita pelo Geledés e instituto Alana<sup>5</sup> revelou que 71% das secretarias de educação realizam pouca ou nenhuma ação para que esta lei se cumpra, este fato pode desencadear e

---

<sup>4</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml>

<sup>5</sup> <https://alana.org.br/lei-10639-ensino/#:~:text=e%20Instituto%20Alana-,Lei%2010.639%20sobre%20ensino%20de%20hist%C3%B3ria%20e%20cultura%20afro%20brasileira,de%20Geled%C3%A9s%20e%20Instituto%20Alana>

atenuar ainda mais o racismo em nossas escolas. Outro fator que pode ter por consequência, o aumento das práticas racistas no ambiente escolar, é que tanto o governo federal quanto o estadual não tem enviado obras literárias escritas por mulheres e homens negros em seu programa PNLD Literário (Programa nacional do livro didático literário) que é o programa que envia livros para as bibliotecas das escolas públicas. É contraditório por parte do governo, criar a lei, mas não enviar subsídios para que ela seja realmente cumprida, além disso é necessário que os professores tenham formação contínua e adequada para trabalhar de maneira decolonial em suas aulas.

Levar Conceição Evaristo para sala de aula do Colégio Estadual Nereu Perondi foi a forma que encontrei para informar a comunidade educacional que há literaturas que precisam de leitoras/es e multiplicadoras/es, há livros excelentes que não estão nas nossas bibliotecas.

Há crianças e jovens negros e negras estudantes que não possuem acesso a livros que os represente, há um grito de resistência ecoado das literaturas decoloniais, e por conta desse grito é que precisamos continuar, dar espaço aquelas e àqueles que foram silenciados e ainda são nos dias de hoje.

No apêndice pode-se encontrar as fotos de alguns exemplares que foram entregues, ainda existem alguns que irão chegar, exemplares encomendados pelos vereadores da cidade. No total foram arrecadadas 19 obras escritas por mulheres negras, estas já estão disponíveis na biblioteca para empréstimo pelos alunos e toda comunidade escolar.

Finalizar esta dissertação com um aporte da obra Ponciá Vicêncio e da autora Conceição Evaristo, obra e autora que são duas, mas que se unem, tamanha são as semelhanças se tornam uma só. A vida da autora possui muito da obra literária. Em meio à rica fortuna crítica de Evaristo, constelada de textos dedicados a Ponciá Vicêncio. O texto da autora é por si mesmo intercultural e contribui a dar voz ao mundo a uma literatura mantida por muito tempo à margem, no contexto de desigualdade. As quarenta e seis partes que se divide o livro, sem nenhum título ou numeração, são fragmentos que integram a construção narrativa feita de idas e vindas no tempo, no espaço e na memória, traçando um mosaico de memórias coletivas e de história não oficial no qual se movem personagens pertencentes a um grupo populacional negro, afrodescendente. Os personagens protagonizam o contínuo denunciar,

no passado e no presente, dos abusos e desmandos infligidos aos negros, que passam de escravizados a ex-escravizados e daí a excluídos sociais, sempre explorados. As imagens do cotidiano mostram a pobreza, o desamparo, a injustiça, o analfabetismo, a exploração em zona rural e urbana, a semiescavidão, a emigração do campo, a vida nas favelas, a violência doméstica e de gênero e a violência social.

O livro nos apresenta a protagonista Ponciá em busca de uma identidade perdida, da menina que aparece destinada a ser ligação entre um mundo real e um mundo sobrenatural de ligação direta com a ancestralidade africana, passa à jovem confiante e otimista, ao ponto de buscar uma opção de vida na cidade, chegando à Ponciá adulta, madura, triste e desiludida, identificando-se com a imagem de porcos destinados ao abate. Será a Ponciá do final a fechar o ciclo da aprendizagem destacando-se da realidade árida e criando seu próprio destino de guardiã de memórias, que um dia talvez passem de vozes silenciadas a moldadoras de novos destinos, como expresso pela palavra-pensamento do personagem Luandi sobre sua irmã Ponciá: “bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de outro destino”. (EVARISTO, 2003, p.126).

Tanto Conceição Evaristo como Ponciá Vicêncio, mudam à sua maneira o destino a que pareciam estar fadadas. Da favela belo-horizontina onde nasceu e cresceu, ao doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Evaristo constrói o que ela mesma denomina “escrevivência”. Escritora amplamente estudada nos últimos anos, Conceição Evaristo conta com dezenas de trabalhos sobre a sua obra e há inclusive a proposta de um filme baseado na obra Ponciá Vicêncio que está sendo preparado para o cinema pelas mãos do diretor Luiz Antônio Pillar. Em 2015, a autora lançou a edição francesa do seu romance, *L'histoire de Ponciá*, no salão do livro em Paris, marcando mais uma vez a sua contínua militância pela reflexão crítica em relação ao mundo afrodescendente no Brasil e no exterior. Sempre na condição de mulher ela escreve também sobre outras mulheres, construindo personagens que vêm da sua vivência pessoal e de memórias suas e da família.

Deslocando-se dos significados convencionais com os quais o feminino negro é caracterizado na literatura, Conceição Evaristo cria sua personagem Ponciá por meio de um uso poético da palavra, o qual contraria os modelos a partir

dos quais a mulher negra é representada. Na escrita literária de Evaristo, o silêncio é a resposta que a personagem oferece a uma condição de subalternidade que lhe é imposta, a qual é de ordem patriarcal, mas também racial e de classe. No contexto narrativo da obra, é pelo silêncio que a personagem resiste a essa condição. Ao mesmo tempo, o seu silêncio projeta, na escrita literária da autora, também uma resistência a uma tradição literária patriarcal, racial e de classe que tenta impor-lhe uma condição de subalternidade com a qual ela, no entanto, não se identifica.

A primeira condição de silêncio que encontramos na personagem refere-se ao fato de a voz narrativa não pertencer a ela, mas a uma narradora que, poeticamente, descortina para o leitor sua trajetória, da infância à idade adulta.

Cada perda sofrida pela personagem inscreve no corpo-discurso o silêncio com o qual ela ocupa seu lugar no mundo. Pelo silêncio a personagem desafia tudo que sequestra sua subjetividade, seu silêncio, no entanto, não significa renúncia. É antes uma fala que a voz narrativa tece, em seu presente de mulher adulta, a interrogação que ela dirige à ameaça que se impõe a seu corpo. Essa ameaça surge com a morte do avô e do pai, a impossibilidade de frequentar a escola, a migração para a cidade, a separação da mãe e do irmão, o trabalho como doméstica que lhe permite apenas comprar um quatinho na periferia da cidade, o aborto dos sete filhos que esperava e as agressões do marido são algumas das cicatrizes das ameaças as quais suturam o corpo feminino negro da personagem.

O silêncio é, assim, o mecanismo discursivo pelo qual Ponciá escapa aos padrões culturais de significação que projetam a mulher negra como em representações inferiorizantes que a vinculam à escravidão, à migração do campo para a cidade, ao trabalho doméstico, ao analfabetismo e à vida nas favelas.

A expressão da resistência de Ponciá em assumir essas representações inferiorizantes por ser da lida, por exemplo, na recusa a seu nome que herdara do coronel Vicêncio. Recusar o nome é resistir a um discurso de dominação patriarcal e racial. Na impossibilidade de significar o nome e esse discurso, ela opta por olhar o vazio: “gostava de olhar o vazio”, “sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio” (EVARISTO, 2003, p.44). Sua opção pelo vazio pode ser pensada como uma inscrição no corpo físico e discursivo, de um desejo de criar uma brecha, uma passagem para a reinscrição de outro sentido, de outra significação para si mesma, o

vazio para o qual ela mira pode ser pensado como outro lugar, e para Evaristo é nesse outro lugar que os termos de uma construção diferente de gênero e, simultaneamente fora dele. Parece ser este o lugar de onde Ponciá pode pensar: “ E se virasse homem, que mal teria?” (EVARISTO, 2003, p.10-11). Ao mesmo tempo em que denuncia os excessos e as faltas que a dizem daquilo que não a representa:

Quem era ela? Não sabia dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua auto-ausência. Antes gostava de ler. Guardava várias revistas e jornais velhos. Lia relia tudo. Agora nada lhe interessava mais nas notícias[...] (Evaristo, 2003, p.92-93).

Assim, no desfecho do relato sobre a vida de Ponciá, a voz narrativa vai apresentá-la andando em círculos e desfiando “fios retorcidos de uma longa história” (EVARISTO, 2003, p. 131) enquanto molda, com as próprias mãos, a matéria viva da própria vida.

A realização deste estudo permitiu um outro olhar da personagem Ponciá Vicêncio, onde foram destacados no romance os seguintes constituintes: representação e identidade, aqui, em especial, da mulher negra. Além disso, a autora Conceição Evaristo é considerada uma grande intelectual negra que encontrou na arte de escrever um caminho para expressar todo o seu descontentamento que seu povo enfrenta, ao mesmo tempo que contribui para abrir espaço para que a literatura afro-brasileira seja valorizada e reconhecida como um instrumento capaz de transformar realidade. Portanto, a personagem Ponciá Vicêncio é importante na literatura afro-brasileira por representar a luta e a resistência da mulher negra em uma sociedade racista e desigual.

## REFERÊNCIAS

ACHILLE Mbembe, **Necropolíticas**. Tradução de Renata Santini. Arte e ensaios, Rio de Janeiro, n.32, p.128, dez. 2016.

ARAGO, Etienne. Anástacia. Arquivopúblico. 1740. Disponível em: <https://mpabrazil.org.br/noticias/anastacia-simbolo-da-via-crucies-das-mulheres-negras-da-escravidao-aos-dias-atuais/>

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

BENEDITO, Beatriz Soares. Carneiro, Suelaine. Portella, Tânia. Lei 10.639 sobre ensino de história e cultura afro-brasileira não é cumprida em 71% dos municípios brasileiros, aponta pesquisa de Geledés e instituto alana. Alana, 2023. Disponível em: <https://alana.org.br/lei-10639-ensino/#:~:text=e%20Instituto%20Alana,Lei%2010.639%20sobre%20ensino%20de%20hist%C3%B3ria%20e%20cultura%20afro%2Dbrasileira,de%20Geled%C3%A9s%20e%20Instituto%20Alana>

BENJAMIN, Walter. A Imagem de Proust. In: Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BRANDÃO, Ana Paula. Ambiente escolar e o mais citado por brasileiros entre os locais onde já sofreram o racismo diz pesquisa. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml>

**BRASIL**. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CHARLES W. Mills, Ignorância branca. Tradução de Breno Ricardo G. Santos. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa/Bahia, v.17, n.1, pp.413-38, jun.2018.

DANIEL Bento Teixeira, Equidade racial nas empresas não é nada mais que obrigação. UOL, 23 set. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/columnas/2020/09/23/daniel-bento-teixeira-cert.htm>

DANIEL, Camila. “**Morena**”: a epistemologia feminista negra contra o racismo no trabalho de campo. Revista Humanidades e Inovação v.6, n.16 – 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DJAMILA Ribeiro, **Lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. P.58-61.

ESCREVIVÊNCIAS: **Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. / Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes e Maria do Rosário A. Pereira (organizadoras). 2 ed. Belo Horizonte: Idea, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasi-leiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de mulheres**. 4 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

EVARISTO, Conceição. Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. Nexo Jornal, 2017. Disponível em: [https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Cocei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%99minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de\[1\]mulher-negra%E2%80%99](https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Cocei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%99minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de[1]mulher-negra%E2%80%99). Acesso em: 06 de dez 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREITAS, Lorena R. T. de. **Desumanização, reconhecimento e resistência na América latina e caribe: uma articulação entre a teoria da precariedade de Judith Butler e o feminismo decolonial de María Lugones**. Revista Debates Insubmissos, v. 3, p. 202-229, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**, São Paulo: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Intelectuais Negras* in Revista de Estudos Feministas, Ano. 3, 1995.

JELIN, Elizabeth, y Kaufman, Susana (2000), «Layers of Memories: Twenty Years after in Argentina», en Ashplant, T.; Dawson, Graham, y Roper, Michael (eds.), *The Politics of War Memory and Commemoration*, Londres: Routledge

KAUFMAN, Susana G, «**Sobre violencia social, trauma y memoria**», Trabajo presentado en el seminario: *Memoria Colectiva y Represión*, Montevideo, noviembre. 1998.

KILOMBA, Grada. "The Mask" In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KING, Mae. *The politics of sexual stereotypes*. Black Scholar, n. 4, p. 12-23, 1973.

LANZMANN, Claude (1995), «The Obscenity of Understanding: an Evening with Claude Lanzmann», en Caruth, Cathy (ed.), *Trauma. Explorations in Memory*, Baltimore-Londres: The Johns Hopkins University Press.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**, Florianópolis, dezembro, 2014.

LUGONES, Maria **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais** / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da cololialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGEL, Ramón (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

PERDIGÃO, Hêmille. “SE VIRASSE HOMEM, QUE MAL TERIA?”: O SILÊNCIO MASCULINO EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO. Organon, Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 177-188, jul/dez. 2022.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989. \_\_\_\_\_ . “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgar Lander (org.). Coleção Sur Sur, CLACSO. Rio de Janeiro: 2002.

RESENDE, Beatriz, Ciclo de literatura latino-americana comparada. **Conversa com Beatriz Resende (UFRJ)**. Youtube, 17 de agosto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QEgULk83X5Q>: Acesso em 05 de janeiro de 2022.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **liberdade por um fio**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a Resistencia negra no Brasil Escravista. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SANTANA, Tayrine.ZAPPAROLI, Alecsandra.Projeto Itaú social.In: Rede Galápagos,São Paulo. <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/acessoem26/06/22>

SOUZA, Heleine Fernandes. **A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Lívia Natália e Tatiana Nascimento**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et ali. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

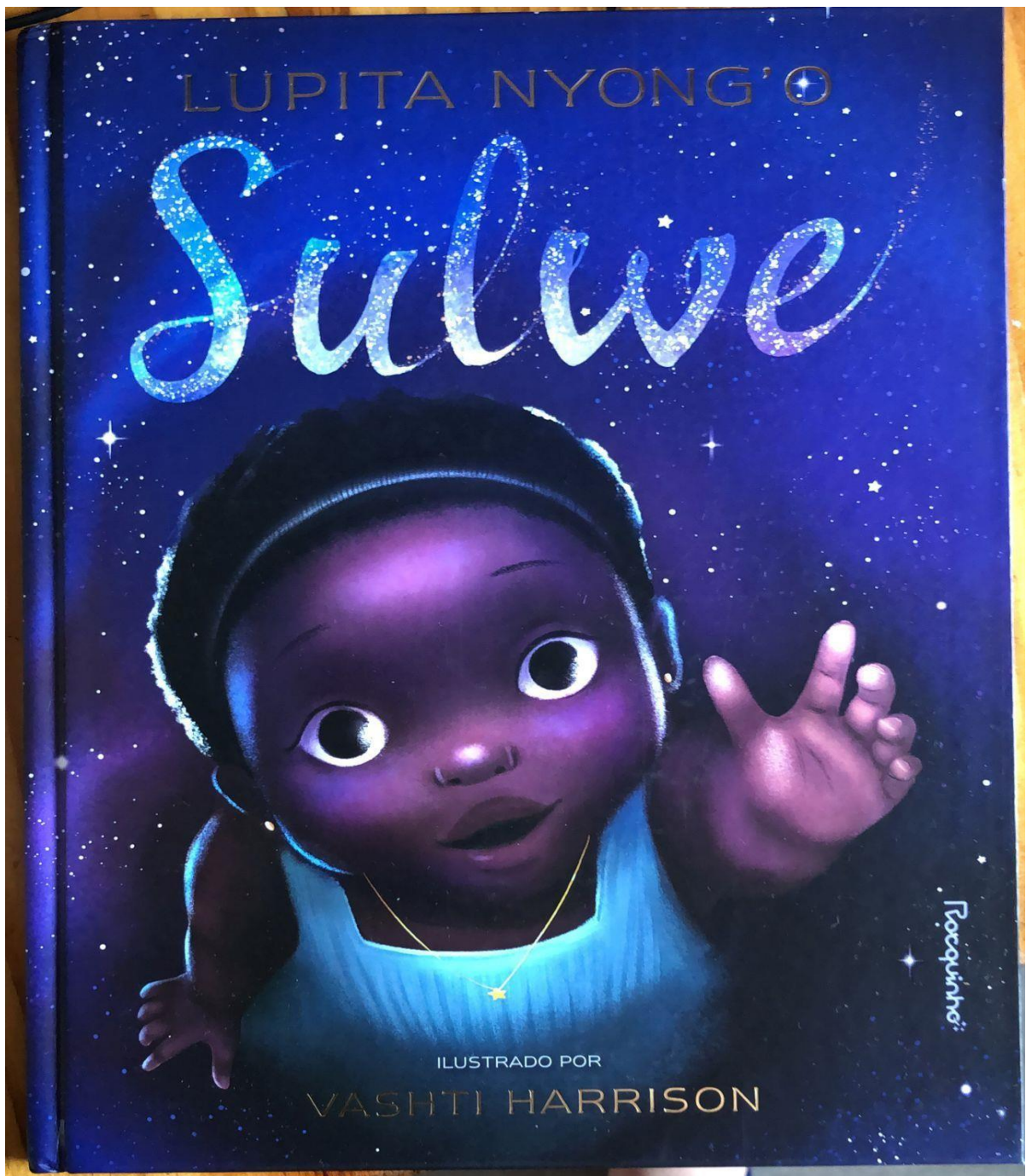
VARGAS, João Costa. 2020. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. Em Pauta, vol. 45. n. 18: 16-2. DOI 10.12957/rep.2020.47201.

W.E.B. Du Bois, **Black Reconstruction in América**, 1860-1880. Nova York: Touchstone, 1995.

YHURI. Cruz, “AnastáciaLivre”, 2019 <https://todosnegrosdomundo.com.br/anastacia-livre/acesso> em 25/01/2024.

## APÊNDICES

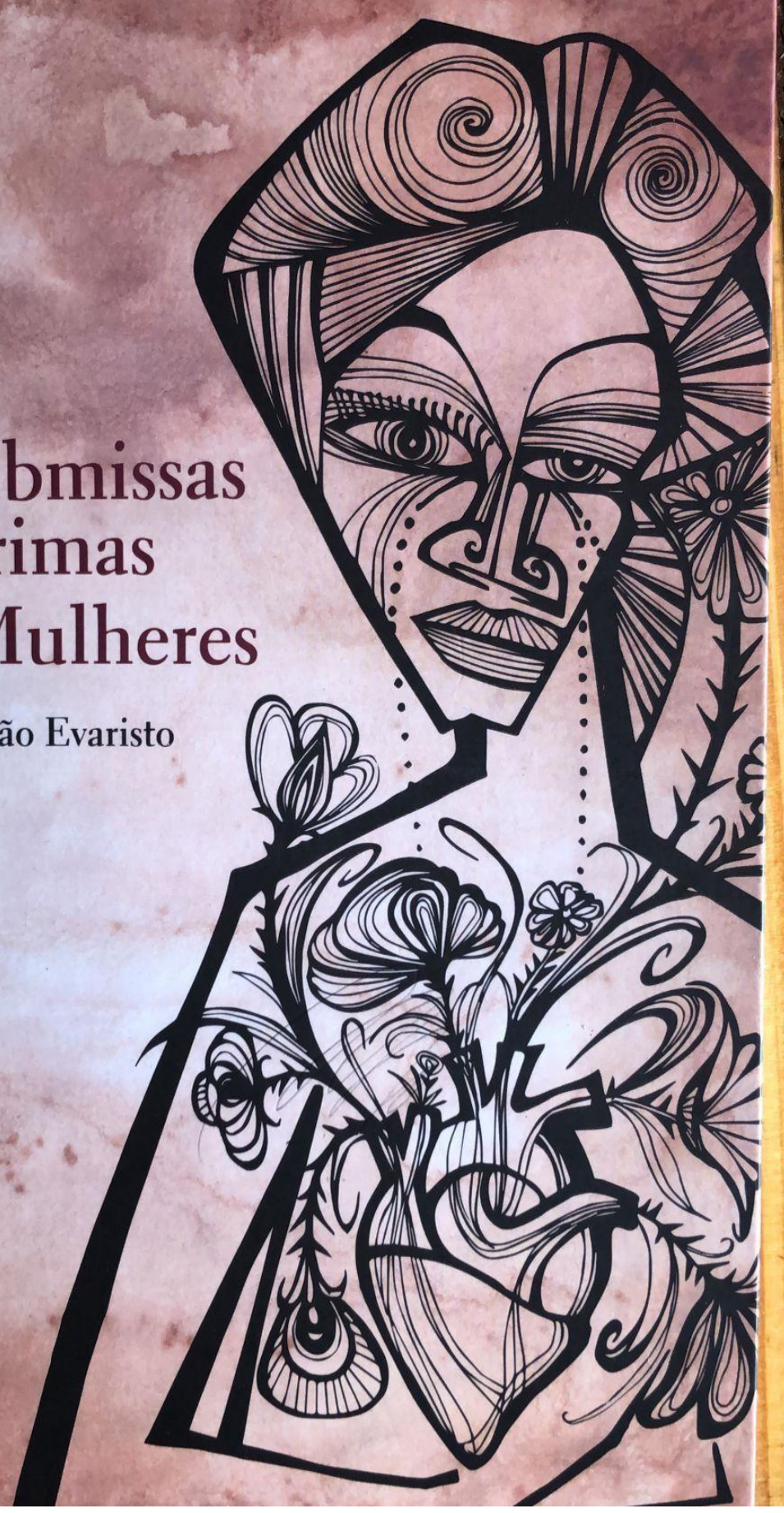
ALGUNS TÍTULOS ARRECADADOS QUE JÁ ESTÃO NA BIBLIOTECA.

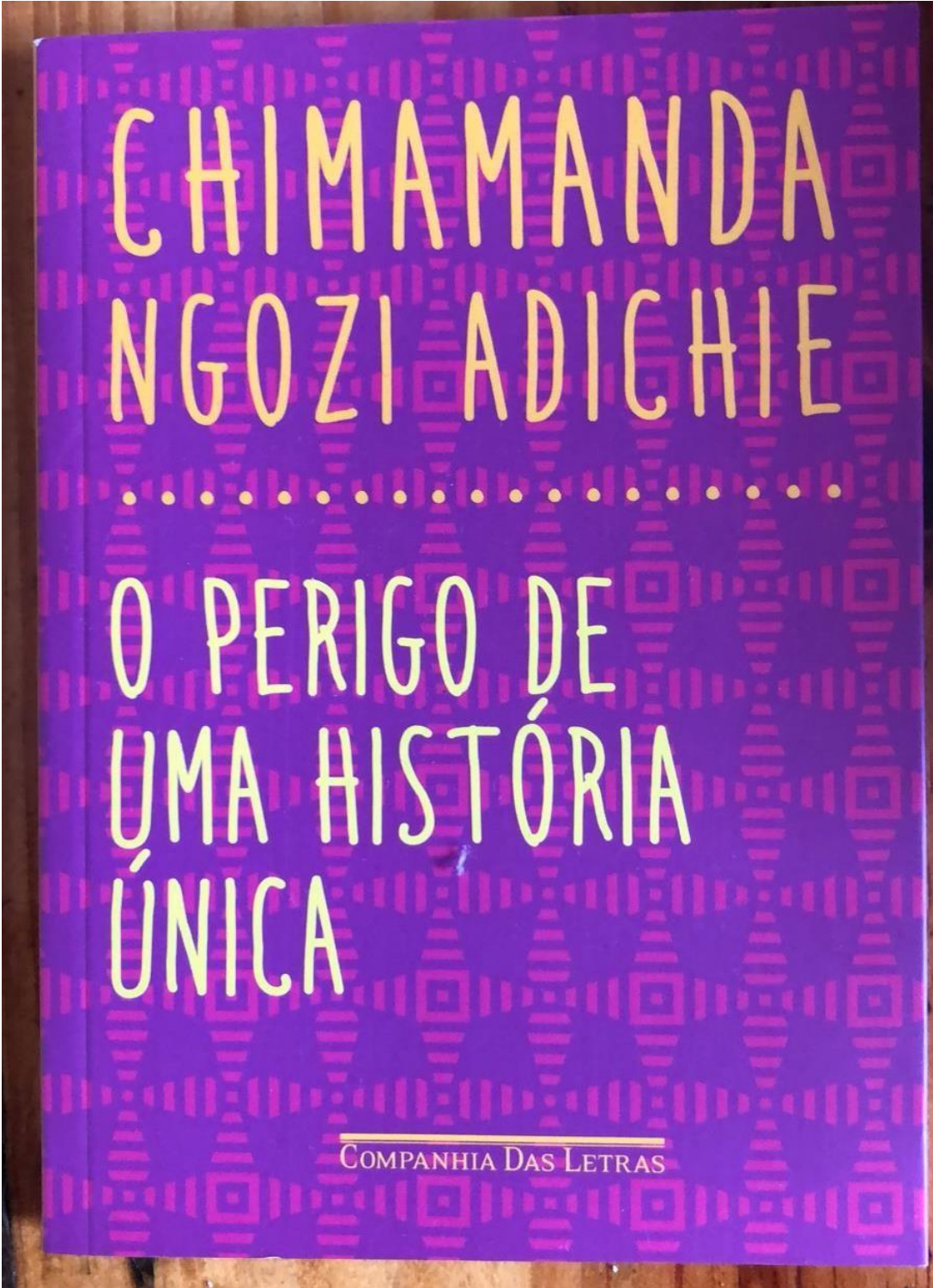




# Insubmissas Lágrimas de Mulheres

Conceição Evaristo





CHIMAMANDA  
NGOZI ADICHIE

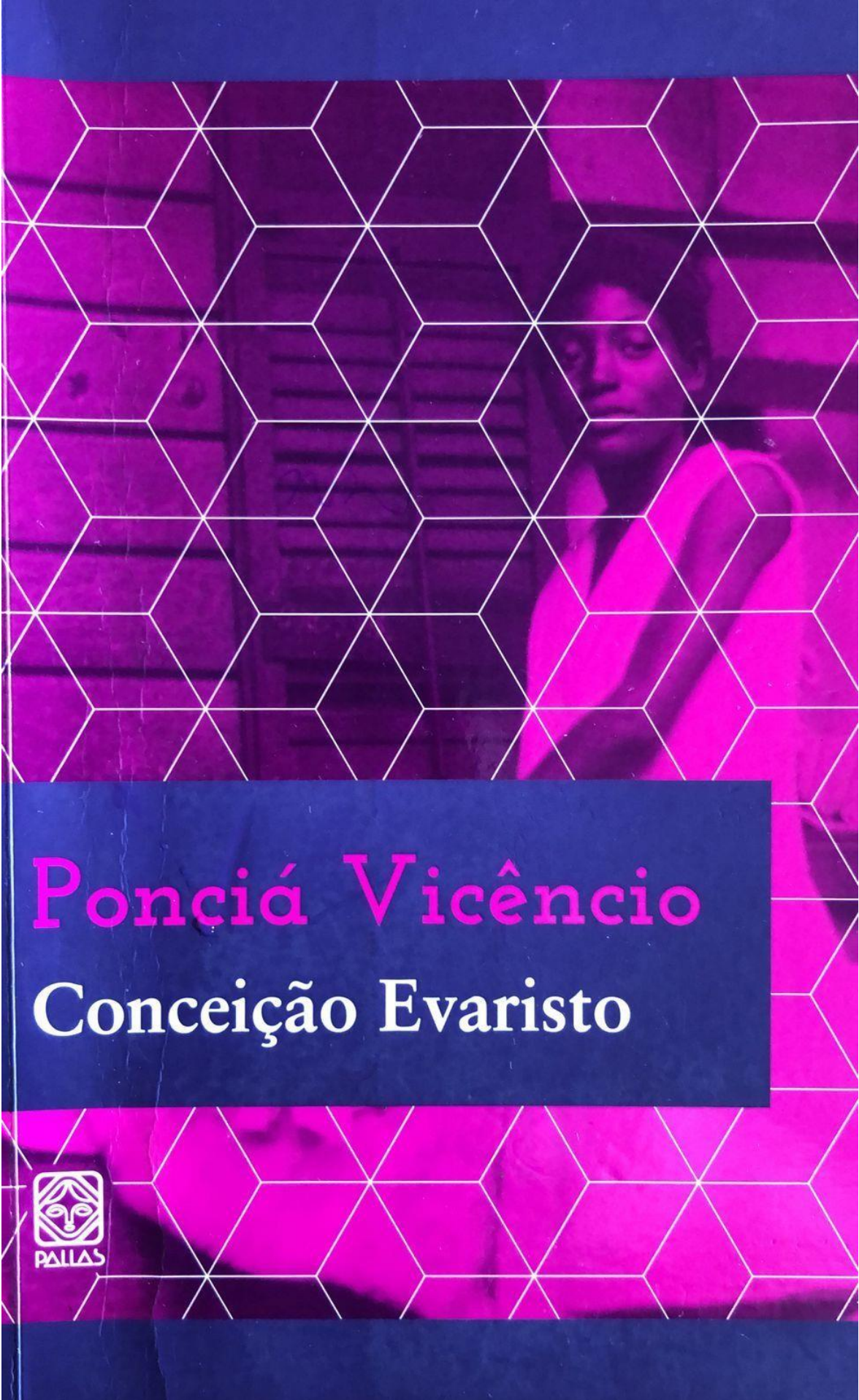
.....

O PERIGO DE  
UMA HISTÓRIA  
ÚNICA

---

COMPANHIA DAS LETRAS

---



**Ponciá Vicêncio**  
**Conceição Evaristo**

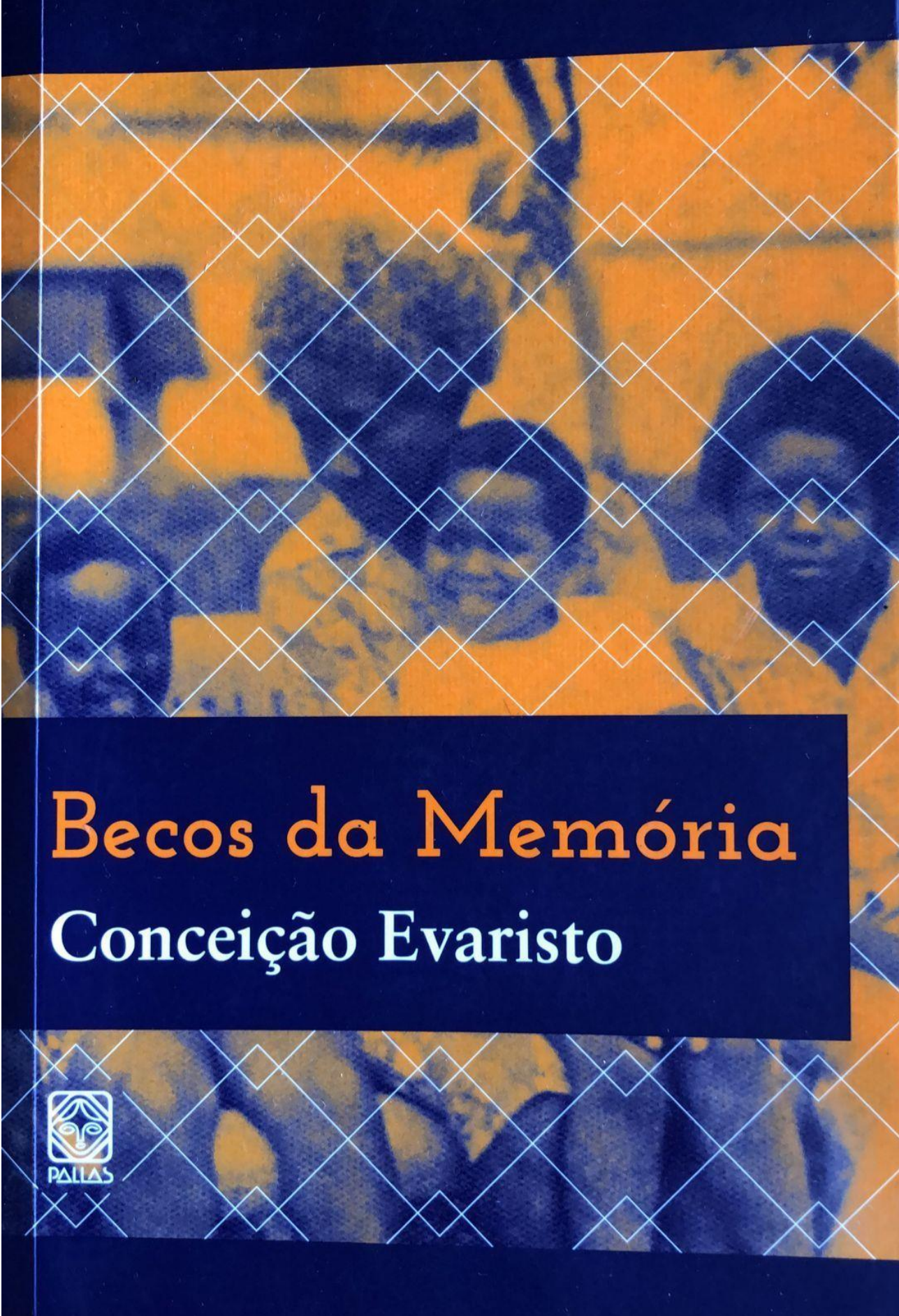


**Chimamanda  
Ngozi Adichie**



**Hibisco  
roxo**





# Becos da Memória

Conceição Evaristo



Conceição Evaristo

# OLHOS D'ÁGUA



PALLAS

Carolina Maria de Jesus

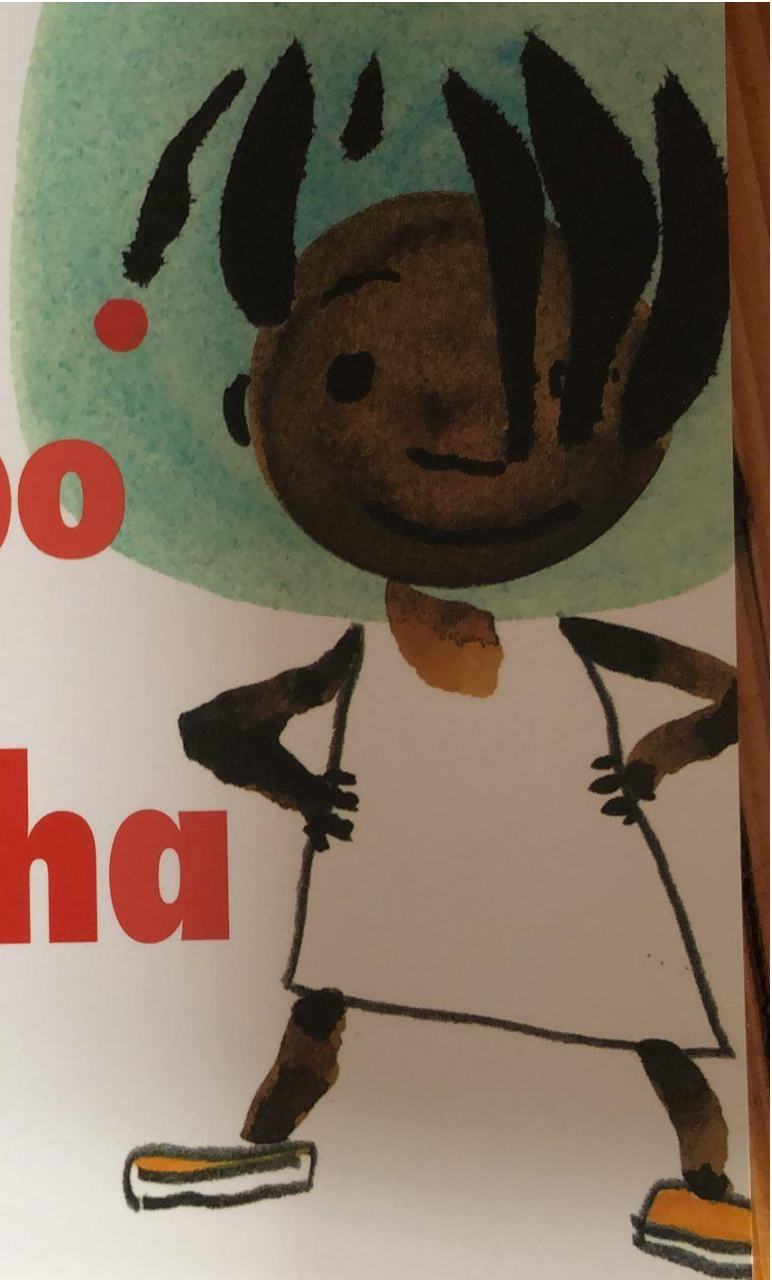
# QUARTO DE DESPEJO

*DIÁRIO DE  
UMA PAVELADA*

edição comemorativa (1960 - 2020)

**ea**  
editora ática

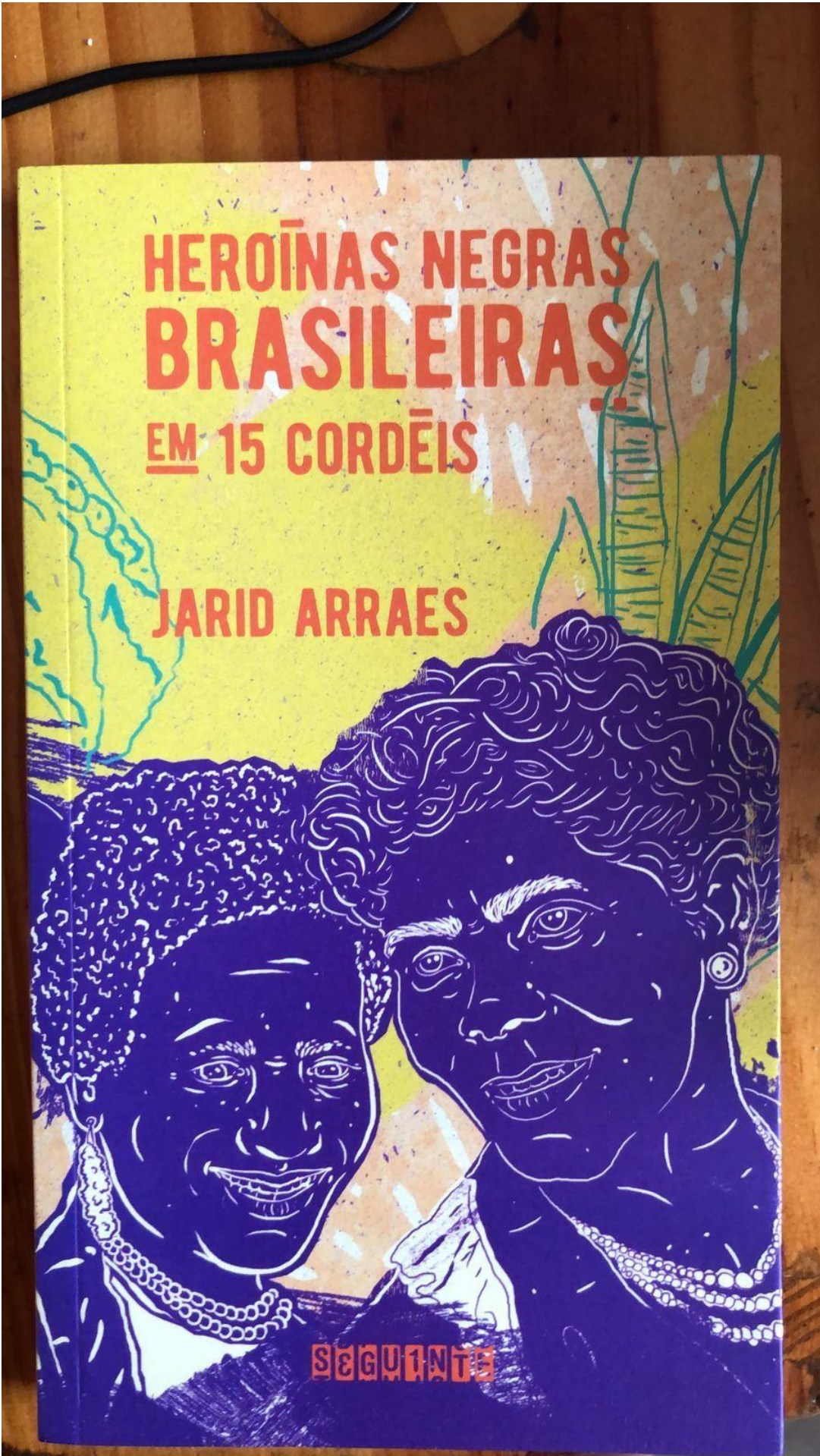
# Meu crespo é de rainha



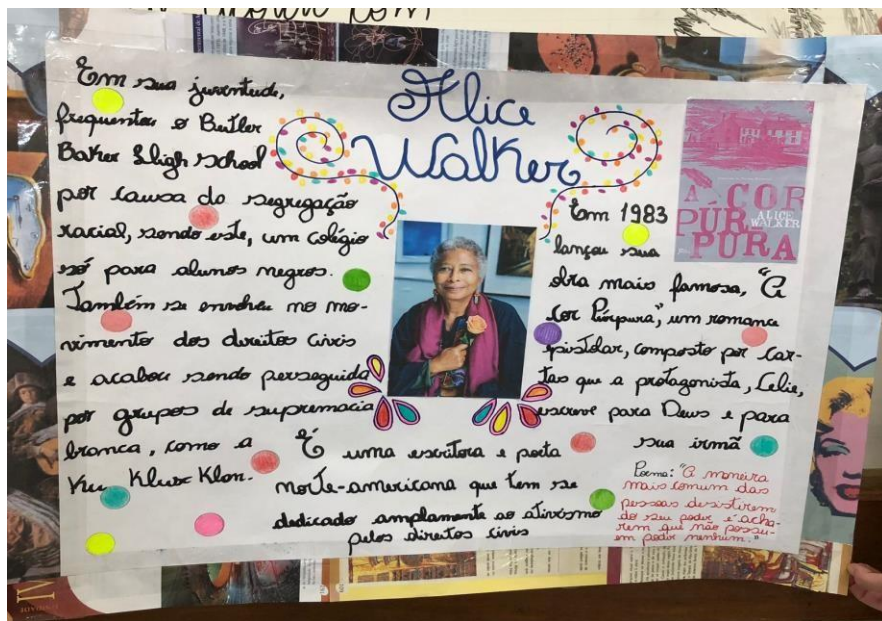
**bell hooks**

ilustrações: **chris raschka**





Trabalhos produção de cartaz alunos ensino médio




*Quem foi?*

**Carolina Maria De Jesus**

foi uma escritora brasileira de pouca instrução que viveu destituída por seus relatos, em forma de diários, sobre sua dura realidade em favelas. Nasceu em 14 de março de 1914 e viveu de várias viciadas.

Quanto de desperdício;  
Quanto de calmaria;  
Pedagogia da fome;  
Meu sofrimento diário;  
Onde estão, felicidade?

**Carolina Maria**



Apesar de ter apenas o amor de estudos formais, tornou-se escritora e ficou conhecida em 1960, com a publicação de seu livro "Quarto de despejo", onde relatava seu dia a dia na favela de Gamim de, na cidade de São Paulo. A autora recebeu honrarias da Academia de Letras de Friburgo de Direito de São Paulo e da Academia Brasileira de Letras, além de receber um título honorífico da Ordem Estrangeira Dell'Ornello.

**De Jesus**

**LÉLIA GONZALEZ**

NASCEU EM 1º DE FEVEREIRO DE 1935, NO RIO DE JANEIRO.

"A LUTA CONTRA O RACISMO NÃO É APENAS PARA OS NEGROS, É UMA LUTA DE TODOS QUE ACREDITAM NA IGUALDADE E JUSTIÇA"

CONTRIBUIU PARA A CRIAÇÃO DO NZINGA - COLETIVO DE MULHERES NEGRAS EM 1983.

ATIVISTA

ATUOU COMO ATIVISTA SOCIAL, LUTANDO CONTRA O RACISMO, A DESIGUALDADE SOCIAL E O MACHISMO.

PROFESSORA

PARTICIPOU DA FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU) EM 1978.

FILÓSOFA


FOI UMA DAS PRINCIPAIS VOZES DO PENSAMENTO CRÍTICO NO BRASIL.

É AUTORA DO LIVRO "LUGAR DE NEGRO" (1982), QUE SE TORNOU UMA REFERÊNCIA NOS ESTUDOS SOBRE A DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL.

AUTORA


DEFENDIA A VALORIZAÇÃO E O PROTAGONISMO DA POPULAÇÃO NEGRA.

ANTROPÓLOGA BRASILEIRA



# Bell Hooks

• Pensemos em Bell hooks.  
"Ela é a voz, pensada como feminista, pensada como negra"  
"Tudo sobre o amor"  
"Ensinando a transigredir"  
"Ensinando pensamento crítico"



"Podemos dizer, então, que ela é um lugar"  
"Tudo sobre o amor, novas perspectivas"  
"Tudo feminista além dos manuais dos livros"  
"Alguns amigos, alguns e inspirações"

"Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a solidariedade feminista não poderá existir por completo."

Bell hooks foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista.

Batizada com o nome de Gloria Jean Watkins, nasceu em Hopkinsville, no sul dos EUA em 25 de janeiro de 1952, faleceu em 15 de dezembro de 2021 em Berea, Kentucky, EUA.

Com uma longa trajetória acadêmica, Bell escreveu e publicou mais de 30 livros, em que apresenta suas visões de mundo, empáticas e de resistência.

Os temas que Bell hooks defende em suas obras, são a luta contra o racismo, a importância do amor, a desigualdade social e de gênero e a crítica ao sistema capitalista.

★ 1952 † 2021

## \* MARIA FIRMINA DOS REIS \*

### Quem foi?


Maria Firmina dos Reis é uma escritora, romancista e jornalista brasileira. Além de escritora, foi professora, musicista e a criadora da primeira escola mista do Brasil. Ela é considerada a primeira romancista negra do Brasil.

### Ativismo

Ela foi uma importante ativista na luta pela abolição da escravidão e pelos direitos das mulheres. Fundou uma escola mista e graduada em jornalismo, no Maranhão, onde trabalhou por muitos anos.

### Principais livros


- 1º "Brasil" (1899) - Considerado o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil, aborda temas como escravidão, racismo e desigualdade social.
- 2º "A Escrava" (1899) - Livro que retrata a história de uma escrava que busca a liberdade e enfrenta as dificuldades da vida no mercado de escravatura.
- 3º "Carta à Beira-Mar" (1891) - Coleção de poemas que aborda temas como amor, natureza e reflexão sobre a condição da mulher.



### Biografia

Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de março de 1834, em São Luís, no Maranhão. Foi educada em uma escola pública, e aqui ela conseguiu passar o tempo livre. Em 1859, ela publicou o romance "Brasil" romancista o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil. Ela faleceu em 11 de novembro de 1917, aos 83 anos, deixando um legado de inspiração e coragem.

• NASCEU EM BELLO HORIZONTE, EM 1946.  
 • GRADUADA EM LETRAS,  
 • TRABALHOU COMO PROFESSORA NA REDE PÚBLICA,  
 • MESTRE EM LITERATURA BRASILEIRA.  
 • VEIO DE FAMÍLIA POBRE.  
 • ESTUDA OBRAS AFRO-BRASILEIRAS  
 • ESCRITORA E PARTICIPANTE ATIVA DE MOVIMENTOS DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA.



**CONCEIÇÃO EVARISTO**

**OBRAS:**


- Bonciá Vivência (2003)
- Becos da Memória (2006)
- O Blues da Água (2014)
- Insubmissões laquimas de mulheres (2011).
- Poemas de recordação e outros movimentos (2008).

**CARACTERÍSTICAS:**

- Protagonismo Feminino,
- Valorização da cultura afro-brasileira
- Questões de gênero e etnia,
- Temática da injustiça social,
- Crítica socio-histórica.


"O importante não é ser o primeiro ou primeira, o importante é abrir caminhos."

Chimamanda  
Ngazi



- ↳ Escritora;
- ↳ Feminista;

“ O PROBLEMA da  
questão de GÊNERO  
é que ela presqueve  
*como devemos ser*  
em vez de  
reconhecer  
Como SOMOS ”



- ↳ Nigeriana;
- ↳ Uma das principais  
vozes da literatura  
Africana;

# SUELI CARNEIRO

## Quem é?


- Aparecida Sueli Carneiro nasceu dia 24/06/1950
- É formada em Filosofia e Letras. Também possui mestrado em Educação
- Em 1988, fundou o Celedes (Instituto da Mulher Negra), para promover os direitos e a igualdade das mulheres negras no Brasil

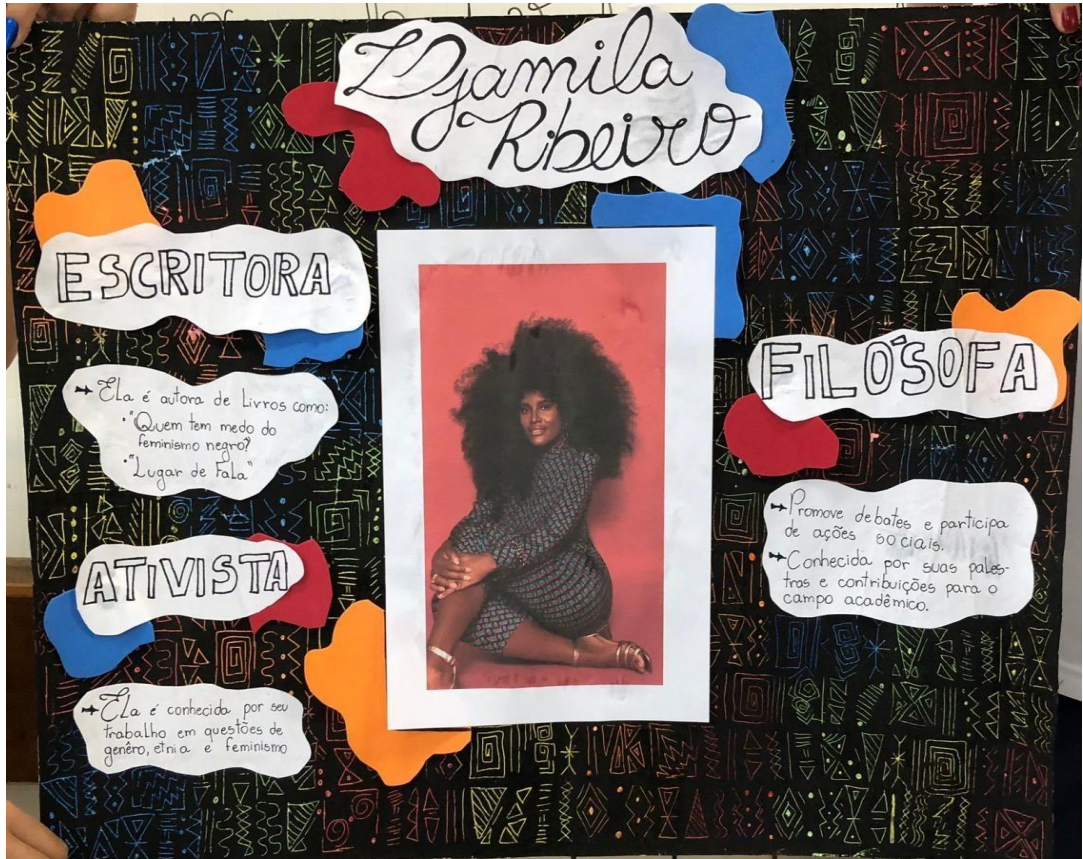
## ATIVISMO SOCIAL

- Reconhecida mundialmente por suas contribuições teóricas e práticas no campo dos estudos raciais e de gênero
- É uma voz ativa na defesa dos direitos humanos, luta contra o racismo, sexismo e outras formas de opressão

## ALGUMAS OBRAS

- Mulher negra
- Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil
- Escutez na vida





## PROJETO REPRESENTATIVIDADE LITERÁRIA.

**Resumo:** O projeto representatividade literária, tem por objetivo conseguir doações de livros de autoria feminina negra para a biblioteca Nerci Delani Potrick no Colégio Estadual Nereu Perondi de Ampére, pois percebeu-se a ausência de obras cuja autoria seja feminina negra. Sabendo da importância destas obras para a representatividade dos alunos e cumprindo a lei 10.639, de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura Afro-Brasileira, pretende-se despertar nos estudantes, o conhecimento da literatura afro-brasileira, e que, com isso, possam continuar a buscá-la, ampliando seu conhecimento e proporcionando a si momentos de experimentação da diversidade cultural de nosso país, além do despertar para o aprendizado da história e da cultura africana e afrodescendente. Elaborou-se ainda uma listagem de obras literárias que abrangem a faixa etária dos alunos das séries iniciais e finais do fundamental II e ensino médio. Fica à disposição para possíveis doações para o acervo da Biblioteca Nerci Delani Potrick.

**Palavras chaves:** literatura afro, representatividade, autoria feminina.

### JUSTIFICATIVA

Os livros de leitura destinados as escolas públicas ainda não atendem totalmente às recomendações da lei 10.639, de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura Afro-Brasileira. No Colégio Estadual Nereu Perondi ensino fundamental médio e educação de jovens e adultos, situado na rua Duque de Caxias Nº1262 Ampére Pr os livros recebidos pelo PNLD Literário (Programa nacional do livro didático literário) que é o programa que envia livros para as bibliotecas das escolas públicas não enviou até a presente data exemplares que contemplem a temática da história e cultura Afro-brasileira, tampouco obras de autores negros.

A literatura negra ou negra-brasileira vem sendo construída desde os tempos da escravidão, porém devido a cultura eurocêntrica a cultura e educação de nosso país ficou por muito tempo focada em obras tradicionais que contemplam apenas a sociedade branca e elitizada. Todas as obras literárias são relevantes, porém a falta de obras de autores negros disponíveis para os alunos pode levar a falta de representatividade para aqueles que são negros, portanto, é muito importante que essa literatura esteja presente nas nossas bibliotecas e salas de aula.

É de comum conhecimento que muitas famílias não possuem condições financeiras de adquirir livros para seus filhos, visto que estes ainda são um produto de valor alto, seria então a escola onde estes estudantes teriam a oportunidade

de ter o contato com obras escritas por autores negros. E isto também viria a contribuir para superar o apagamento histórico da afrodescendência em nossa literatura, fato que provoca ausência de um corpus estabelecido para a literatura afro-brasileira.

Deste modo, todos os estudantes poderão se identificar e construir visões de mundo mais amplas e realistas. A autora nigeriana Chimamanda Adichie (2019), em uma palestra ao reconhecido Ted Talks, fala sobre a importância da representatividade. Segundo ela, a representatividade é fundamental para que não haja uma história única sobre os diferentes povos, culturas e lugares. Em sua fala, ela lembra como se sentia, quando criança, ao ler apenas contos de fadas em que as personagens eram iguais: brancas, de olhos azuis e viviam no frio. Sendo ela negra e morando em uma região muito quente.

Como fator de identificação da criança, a literatura tem muito a contribuir para a construção de sua identidade. E no caso das crianças negras, é essencial que haja cada vez mais personagens principais negros.

Além disso, a importância da representatividade na literatura não passa somente o tema da cultura afro, mas todas as demais. Como, por exemplo, a importância de se ter autoras mulheres, sendo que, há algumas décadas, a maioria dos autores eram homens.

### **Objetivo geral**

O objetivo principal deste projeto educacional é contribuir para que estudantes do Colégio Estadual Nereu Perondi possam ser contemplados na sua atividade discente o cumprimento da Lei 10.639/2003, oferecendo livros de literatura brasileira produzida na perspectiva de pessoas de ascendência africana, o que aqui se denomina literatura afro-brasileira.

### **Objetivos específicos**

- Despertar para o aprendizado da história e da cultura africana.
- Proporcionar contato direto com obras literárias de autoria feminina negra.

- Oportunizar a representatividade através de obras literárias de autoria afro descendente aos alunos negros

## **Metodologia**

O presente projeto fundamenta sua perspectiva de abordagem num referencial teórico interdisciplinar, calcado em contribuições da literatura da história da sociologia. Pretende-se trabalhar através das obras doadas a história das autoras, bem como as narrativas em si, podendo ser privilegiadas em todas as disciplinas do currículo escolar, isso se dará através de rodas de conversas, debates, peças teatrais, leituras dirigidas.

## **Lista de sugestão de livros para a doação**

- Vidas que inspiram Carolina Maria de Jesus – versão infantojuvenil
- Quarto de despejo- Carolina Maria de Jesus
- Meu crespo é de rainha -Bell Hooks
- A menina transparente, - Elisa Lucinda
- Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis, Jarid Araes
- Zum Zum Zumbiiiiiiii – Sonia Rosa
- Ponciá Vicencio- Conceição Evaristo
- O mundo no black power de Tayó- Kiusam Regina de Oliveira
- As tranças de Bintou- Sylviane A. Diouf
- Os nove pentes d'África- Cidinha da Silva
- O menino Nito- Sonia Rosa
- Betina- Nilma lino gomes
- Minha mãe é negra sim!- Patricia Santana
- Sulwe- Lupita Nyong'o,

**Cronograma**

Maio: Escrita do projeto

Junho/julho: Divulgação

Agosto/setembro/Outubro: Recolhimento dos livros doados

Novembro/Dezembro: Exposição das obras e trabalho com as mesmas.